

**NESTA EDIÇÃO:**

- 1 DROGADOS** — Depois de conviver com um grupo de drogados em tratamento numa instituição de Campinas, a psiquiatra Maria José Franklin Moreira relatou essa experiência em sua tese de doutoramento. **Página 6.**
- 2 SEMÁFORO** — Um sistema inteligente para controle de tráfego urbano desenvolvido nos laboratórios da Faculdade de Engenharia Elétrica acaba de ser implantado experimentalmente em São Bernardo do Campo. **Página 7.**
- 3 PROVÍNCIA** — Percorrendo as manifestações culturais de Campinas ao longo deste século, Paulo Barreto mostra, em sua tese de mestrado, que havia nelas um desejo de modernidade sob a capa provinciana. **Página 9.**

# Reitor faz o balanço dos primeiros seis meses



O reitor José Martins Filho preside reunião com equipe de pró-reitores e assessores diretos, em outubro último.

“ A administração de uma universidade como a Unicamp deve ter dois focos em perspectiva: um é o equacionamento de problemas de curto e médio prazos, o outro são as questões de profundidade, aquelas que requerem uma reflexão e um planejamento do futuro da instituição”. As palavras são do reitor José Martins Filho, que no dia 26 de outubro, pouco mais de seis meses após o início de seu mandato, reuniu pró-reitores, assessores e coordenadores de áreas para um balanço do que foi realizado até agora. Nesta entrevista, Martins fala da experiência desse período e de suas expectativas para os próximos três anos e meio. **Página 3.**

## Unicamp otimiza área de cirurgia cardíaca

A partir da vinda para a Unicamp, em julho passado, do dr. Domingo Braile, um dos maiores especialistas brasileiros na área, a Unicamp iniciou a reestruturação de seu serviço de cirurgia cardíaca. Com a dinamização do setor já foram realizadas, desde então, cerca de 30 cirurgias cardíacas de alta complexidade no Hospital das Clínicas. A capacidade instalada do setor é hoje de 20 cirurgias por mês. O programa inclui também a formação de pessoal e o desenvolvimento, junto com outras unidades da Unicamp, de técnicas e tecnologias aplicáveis à cirurgia cardíaca. **Página 4.**



O cirurgião cardíaco Domingo Braile.

## Fazendo cabeças, IFCH chega aos 25

*Sob o comando do cientista político João Quartim de Moraes (foto), o IFCH comemora seu primeiro quarto de século. **Página 12.***





# Novo tom para o debate sobre a pesquisa

Renato Dagnino

Como tem sido divulgado, será realizada na Unicamp, neste início de dezembro, uma reunião de trabalho sobre "Política de Pesquisa para a Universidade". Trata-se de uma reunião informal em que colegas reconhecidos pela sua experiência e liderança como pesquisadores em diferentes áreas de conhecimento discutirão aspectos que considerem relevantes do tema.

Esta discussão, que se inicia pela indagação da conveniência de adotar uma política explícita para orientar nosso trabalho de pesquisa não é nova. Artigos ou simples pronunciamentos de professores de nossa universidade (e até de seus dirigentes, como o ex-reitor Paulo Renato Souza) têm aparecido neste e em outros jornais há, pelo menos, uma década. Nuances à parte, todos eles defendem a adoção de uma política de pesquisa baseada em dois elementos: (a) que ela seja definida de forma participativa, multidisciplinar e conjunta; (b) que à meta da qualidade acadêmica sejam adicionadas a da interdisciplinaridade e a da relevância social como balizamentos para a atividade de pesquisa universitária.

Em tempos mais recentes, os candidatos a reitor alinharam-se com essa posição. Em particular, enfatizaram que a atividade de pesquisa da Universidade deveria crescentemente contemplar as necessidades sociais.

Por que então discutir novamente um tema acerca do qual parece haver consenso? A primeira resposta é porque, apesar dele, muito pouco foi feito. Porque ainda não foi possível modificar uma situação de omissão em que uma "não-política" termina por deixar ao sabor de injunções externas o direcionamento de nossa pesquisa. Porque não conseguimos transitar de uma política para a pesquisa — isto é, que visa a reprodução do potencial humano e material para a pesquisa — a uma política de pesquisa — isto é, que oriente este potencial de acordo com prioridades explicitamente estabelecidas, de natureza científica, econômica ou social.

Mas há outras respostas possíveis. Elas apontam para as duas questões acima indicadas: uma ainda jovem — a da interdisciplinaridade — e outra que, mesmo em ambientes novos como o latino-americano, já é bem "entrada em anos" — a da relevância social. Dado que elas receberam recentemente um tratamento inovador em importantes estudos acerca do desenvolvimento científico e tecnológico nacional, e buscando evitar a polarização que podem causar as opiniões pessoais, neles me baseio para mostrar que, ainda mais do que no passado, é necessário enfrentar o tema da política de pesquisa. Além do que, como se trata de recomeçar um debate, nada melhor do que colocar em cena novas posições.

O primeiro aspecto — o da interdisciplinaridade — é o menos polêmico. Sobre ele destaco um trecho relativo à realidade dos países desenvolvidos tomada como referência no estudo "Ciência e Tecnologia no Brasil: Uma nova política para um mundo global", coordenado por Simon Schwartzman (como o seguinte, este trabalho foi recentemente elaborado por dezenas de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, sob o auspício de agências nacionais e internacionais).

"As formas tradicionais de organização do ensino e pesquisa científica estão sob questionamento. Discute-se hoje se a divisão dos departamentos acadêmicos e das instituições científicas segundo as diferentes disciplinas e áreas do conhecimento é

a mais adequada e capaz de oferecer as condições apropriadas para a formação e o desenvolvimento de pesquisa interdisciplinar. Ao mesmo tempo, não existem alternativas claras à organização do ensino segundo os moldes tradicionais, gerando novas fontes de tensão entre ensino e pesquisa. As agências governamentais de apoio à ciência estão em processo de revisão transformadora. As relações entre universidades, os governos e a indústria estão profundamente alteradas pelos novos padrões de ensino técnico, pesquisa cooperativa e financiamento, o que tem gerado novas oportunidades e tensões."

Não parece haver dúvida de que a maneira mais sensata de enfrentar o desafio de adequar nossa universidade à nova realidade referida por Schwartzman, como a do "mundo global", é começar pela pesquisa interdisciplinar. É através dela que poderemos nos contrapor à obsoleta tendência à especialização e compartimentalização excessivas e gerar conhecimentos que nos permitam enfrentar com criatividade os problemas de nossa realidade. É também através dela que poderemos reorientar nossa docência, hoje inerte ante o dilema de formar profissionais para um "mercado" que reproduz um passado que queremos mudar, ou preparar para um futuro que se afigura um reflexo distorcido das sociedades ditas avançadas mas que sabemos "sem futuro".

O segundo aspecto, bem mais polêmico, é o da adoção de um critério subsidiário ao do mérito científico — o da relevância social — como um balizamento para a pesquisa universitária. Sobre ele me reporto aos "Estudos Analíticos sobre o Setor de Ciência e Tecnologia no Brasil", coordenado por Francisco Biato. Ele expressa uma visão até há pouco restrita à tecnoburocracia, mas crescentemente aceita no meio acadêmico.

À semelhança do que ocorreu em muitos outros países em função do "contrato social" que se consolida após a Segunda Guerra, o trabalho constata que, no Brasil, "... desenvolveu-se no interior dos grupos universitários e de pesquisa a concepção segundo a qual a atividade científica se auto-justifica. Em conseqüência, consolidou-se a idéia de que ao cientista compete o exercício eficiente de suas atividades e ao Estado as garantias de funcionamento das ciências ..."

## "As formas tradicionais de organização do ensino e da pesquisa estão sob questionamento"

Como resultado dessa situação teria ocorrido um privilegiamento da "... pesquisa pela pesquisa, segundo as lógicas internas das disciplinas" em detrimento "dos objetivos perseguidos pelo Estado". A alocação de recursos pelas agências de fomento se daria "... exclusivamente segundo critérios e procedimentos definidos pela própria comunidade acadêmica — a avaliação do mérito científico realizado pelos pares." Mas a influência da comunidade de pesquisa se verificaria não só no âmbito das agências: "... também no nível político mais elevado do sistema de C&T têm-se privilegiado as contribuições da comunidade científica na definição das prioridades."

Uma das colocações centrais deste e do trabalho anterior a este respeito é que é necessário "... um novo "contrato social" entre o Estado e os cientistas, envolvendo



mecanismos inovadores de apoio e sinalização, capazes de induzir o engajamento dos pesquisadores no desenvolvimento de atividades de investigação de relevância econômica, social e estratégica."

Essa proposta parece demandar uma postura semelhante à que vem sendo veiculada no âmbito da OECD para enfrentar os problemas ambientais. Trata-se da implementação de algo parecido aos *mission oriented programs* realizados nos países avançados para alcançar objetivos estratégicos (quase sempre de natureza militar), em curto espaço de tempo e mediante a cooperação de diferentes organizações e equipes de pesquisa.

Ela esbarraria, entretanto, em obstáculos institucionais corretamente identificados no trabalho. O primeiro é o modo de atuação das agências de fomento: "... por favorecer as iniciativas individuais ou de pequenos grupos, deixa pouco espaço, no caso das universidades, para as políticas e prioridades definidas institucionalmente. Assim, aqueles grupos, apesar de produtivos, acabam não conduzindo a investigações que remetem aos planos e programas governamentais, os quais, em princípio, contemplariam os grandes desafios do processo de desenvolvimento econômico e social."

O segundo seria interno à própria universidade: "... diante da incapacidade que revela em definir e fazer valer suas políticas próprias nessas áreas, acaba dividida entre os interesses dos que privilegiam a pesquisa e dos que defendem maior ênfase para as atividades de ensino. Os primeiros, com o apoio das agências governamentais de fomento, acabam constituindo verdadeiras administrações paralelas, com lógicas e interesses próprios, balizados principalmente pelos critérios de relevância das próprias disciplinas, os quais terminam sendo assumidos pelas agências de fomento como fatores essenciais de decisão. Como resultado, a pesquisa universitária se divorcia dos planos e programas do governo e dos interesses maiores sinalizados pela sociedade."

A remoção desses obstáculos demandaria ações no âmbito interno e externo à universidade. No interno, "... medidas capazes de permitir à universidade atuar como instituição, em vez de mero agregado de grupos, incluiriam, necessariamente, a convocação da comunidade universitária para definir objetivos claros e estabelecer prioridades internas." No âmbito externo, "... seria preciso repensar os instrumentos de apoio e estímulo, de modo que as agências, em lugar de propiciarem a implantação de clivagens inconvenientes no

interior das instituições, funcionassem como importante agente de fortalecimento institucional."

Embora continue sendo polêmica, a questão do critério social adquire, a partir de agora, um outro patamar de discussão. Estão indicadas as responsabilidades e as direções possíveis de mudança. Cabe à universidade adaptar-se criativamente ao que tende cada vez mais a ocorrer em outras áreas de política pública. Nelas se reconhece como necessário adotar novos critérios de atuação e criar mecanismos mais participativos e eficazes de tomada de decisão internos às organizações, de modo a reforçar sua representatividade no contexto mais amplo em que atuam.

Para finalizar, aponto dois outros argumentos que abordam questões distintas daquelas duas até aqui tratadas. O primeiro, dos "pragmáticos", é o de que o estreitamento da relação universidade-empresa seria uma forma, mais do que suficiente, adequada, para direcionar a pesquisa universitária. É interessante destacar que ambos os trabalhos, embora recomendem esse estreitamento, seguem a literatura internacional a respeito da pouca esperança que nele depositam. Na realidade, e independentemente de juízos de valor acerca de sua conveniência, o aumento da relação universidade-empresa, quando encarada como uma maneira de orientar a pesquisa universitária, parece não encontrar fundamento factual. Mesmo na situação norte-americana, que tem servido de modelo para a análise desta questão em nosso país, isto está longe de ocorrer. O fato de que menos de 2% do gasto empresarial em P&D é alocado na universidade, sendo que este valor representa menos de 6% dos recursos gastos em pesquisa universitária, não deixa lugar a dúvidas. É ínfima a importância da pesquisa universitária para a atividade das empresas, e é também diminuto o seu papel direcionador sobre a universidade. Vale destacar que, por várias razões de tipo estrutural, é muito provável que este papel seja ainda menor no caso brasileiro.

## "Embora continue polêmica, a questão do critério social adquire, agora, outro patamar de discussão"

O segundo argumento, dos "anti-corporativistas", é aquele que considera inconveniente a própria pesquisa universitária. Dentre os que o defendem está um estudo realizado pelo Instituto de Engenharia de São Paulo, e noticiado pela *Folha de S. Paulo*. Ele aponta como uma das causas do desperdício, que atingiria 1/3 do PIB brasileiro, os gastos em "pesquisas nas universidades sem apresentação de resultados", que atingiriam um valor de 1 bilhão de dólares. Embora represente uma posição extrema, quase folclórica, merece consideração dada a repercussão que vem alcançando em alguns círculos. Ele é um claro sintoma de que cabe à universidade indicar, de forma muito mais clara do que vem fazendo, o que pode realizar em benefício da sociedade.

Renato Dagnino é professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp



## UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

Reitor — José Martins Filho. Vice-reitor — André Maria Pompeu Villalobos. Pró-reitor de Extensão e Cultura — Archimedes Perez Filho. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Pesquisa — Carlos Henrique de Brito Cruz. Pró-reitor de Graduação — José Tomaz Vieira Pereira. Pró-reitor de Pós-Graduação — Hermógenes de Freitas Leitão Filho.



Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (0192) 39-7865, 39-7183, 39-8404. FAX (0192) 39-3848. Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519). Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglion (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Lea Cristiane Violante Pacheco (MTb 14.617), Nadir Antonia Platano Peinado (MTb 16.413), Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473) e Roberto Costa (MTb 13.751). Fotografia — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). Projeto Gráfico — Amarildo Carnicel. Ilustração e arte-final — Oséas de Magalhães. Diagramação — Roberto Costa. Serviços técnicos — Clara Eli de Mello, Dário Mendes Crispim, Dulcinea Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.



Entrevista: José Martins Filho

# Os primeiros seis meses

**J**ornal da Unicamp — Esses primeiros seis meses de administração corresponderam à sua expectativa?

**José Martins Filho** — Do ponto de vista administrativo, estou certo que sim: a alguém que já estava imerso na dinâmica administrativa, como eu estava, é seguramente muito mais fácil dar prosseguimento ao que deve ser continuado ou então, se a situação o exige, fazer as mudanças de rota que a Universidade requer. E foi o que fizemos nestes seis meses, que a rigor foram quatro, porque os primeiros dois meses nós os consumimos administrando politicamente a greve de maio-junho. Ou seja: tivemos quatro meses para tomar o pulso da instituição, enfrentar turbulências econômicas externas, pacificar insatisfações internas e iniciar a execução do projeto a que nos propusemos. Hoje, creio que já há uma certa visibilidade das linhas desse projeto, e posso garantir que ele vem sendo realizado item por item, tal como o delineamos durante o processo sucessório. Então, respondendo à sua pergunta, eu diria que sim, que minhas expectativas estão se cumprindo.

**JU** — Isso do ponto de vista administrativo. E do ponto de vista do exercício político?

**Martins** — Aprendizado político, quase se poderia dizer. As leis da convivência têm de ser reaprendidas a cada instante, e por um momento me pareceu que as tínhamos esquecido, especialmente durante o período mais turbulento da greve. Creio que havia uma crise de credibilidade institucional, uma espécie de colapso da palavra empenhada, pois só isso explica que se tornasse tão difícil explicar à comunidade universitária, por exemplo, que a realidade orçamentária era realmente aquela que então apresentávamos. E quando pela primeira vez abrimos os números — inclusive com a abertura de nossos balancetes a quem quiser ver — e nos tornamos transparentes, coisa que nunca tinha acontecido antes, então as pessoas se surpreenderam ao ver que falávamos a verdade. Não faz sentido administrar senão falando a verdade às pessoas que nos confiaram a tarefa de fazê-lo. Uns poucos meses depois, creio que houve um progresso notável na qualidade das relações internas, fruto da distensão, do diálogo e — para usar uma palavra que não costuma estar no dicionário dos pragmáticos — da sinceridade. Desde então ficou muito mais fácil administrar. E mais agradável também.

**JU** — Ao longo dos anos, aprende-se que a comunidade sem dúvida quer uma boa administração, mas quer sobretudo que o reitor seja capaz de impedir a corrosão dos salários. A política salarial é uma de suas prioridades?

**Martins** — Sem a menor dúvida, como também é prioridade do Cruesp. Entendo perfeitamente a importância da questão salarial. A um observador de fora pode parecer que se elegeu internamente uma prioridade corporativa, que a colocamos acima da pesquisa, do ensino e de nossos compromissos com a sociedade. Não é bem assim. Uma vez corroído o salário, corrói-se automaticamente a qualidade de todas as atividades-fim da Universidade. Por isso as reivindicações sensatas são justas e dentro do possível devem ser atendidas. É claro que os salários foram tremendamente corroídos nos últimos 20 anos. Seria ótimo que pudéssemos recuperá-los e dentro do possível nós o faremos, mas essa disposição, que em mim é real, não nos autoriza a jogar para o alto o senso de realidade. O que foi possível fazer até agora, nós fizemos: proteger os salários das turbulências da transição monetária e, através de reajustes mensais concedidos numa quase excepcionalidade na-

*Seis meses depois de ter assumido o comando da Unicamp, o reitor José Martins Filho reuniu sua equipe mais próxima — pró-reitores, assessores e coordenadores de áreas — para um balanço do que foi realizado nesse período e um olhar prospectivo sobre o futuro. Nesta entrevista, Martins fala da experiência desse primeiro semestre administrativo, de sua expectativa para os três anos e meio seguintes e do projeto que, até lá, ele espera ter executado.*



**Martins:** "Creio que já há uma certa visibilidade das linhas de nosso projeto, que vem sendo cumprido item por item".

cional, colocá-los nos níveis de maio de 1990. Seguramente trataremos de recuperá-los ainda mais, se a conjuntura econômica for favorável e a arrecadação ajudar.

**JU** — Turbulências à parte, é possível dar uma idéia do saldo de realizações destes seis meses iniciais?

**Martins** — A administração de uma universidade como a Unicamp tem de ter dois focos em perspectiva: um é o equacionamento dos problemas imediatos, de curto e médio prazos; e outro são as questões de profundidade, aquelas que requerem uma reflexão e um planejamento do

*"Houve um progresso notável na qualidade das relações internas, fruto da distensão, do diálogo e da franqueza".*

futuro da instituição. Por vezes questões cruciais que se supunham distantes já estão batendo à porta, como é o caso da renovação da massa de professores, da necessidade de se obter novos talentos e da conseqüente pressão da folha de inativos sobre os recursos orçamentários. Dentro de três anos 25% de nossos recursos serão gastos no pagamento de aposentados. A solução será criarmos um fundo previdenciário próprio, para o que já

há uma comissão trabalhando. Eu poderia citar também o plano diretor do campus, já em elaboração; o projeto de percentualização do orçamento; a definição de uma política mais efetiva de captação de recursos, com um escritório criado para tal fim que em menos de três meses já estabeleceu contato com mais de 200 empresas dispostas a tirar proveito da lei de incentivos fiscais; a consolidação da política de informatização da Universidade através da recém-criada Coordenadoria Geral de Informática, cujos programas vêm ganhando velocidade dentro de uma visão presente e futura dessa área em constante transformação; a definição de um grande projeto de financiamento junto à Fapesp para os próximos anos que significará a destinação de US\$ 50 milhões anuais para as universidades estaduais paulistas; e finalmente o aumento do percentual orçamentário da Unicamp de 2,065% para 2,1958% do ICMS, uma conquista que sem dúvida terá reflexos benéficos especialmente quando temos ocasião de conjugá-la, agora, com uma filosofia de racionalização em vias de ser consolidada.

**JU** — Afora as grandes linhas, o que o sr. destacaria no plano das medidas de caráter mais imediato?

**Martins** — As medidas de racionalização anunciadas há dois meses, por exemplo, foram importantes para reequilibrar o orçamento às vésperas do fechamento do exercício de 1994. Foi dentro desse espírito que criamos a Comissão de Apoio ao Desempenho Administrativo da Universidade (Cadau), hoje encarregada de

estudar e sistematizar novas formas de racionalização do processo administrativo. Mas é preciso ir ainda mais além e estamos buscando alternativas para, por exemplo, reduzir a enorme conta de água da Universidade; há um estudo em andamento sobre os lençóis freáticos eventualmente existentes no subsolo do campus. Os próprios alunos residentes na Moradia Estudantil se conscientizaram do problema e pela primeira vez estão pagando seus eventuais excessos de consumo de água e energia. Mas paralelamente também estamos tratando de investir, de preferência sem gastar. Um exemplo é o projeto de urbanização do lago, em colaboração com

*"As reivindicações sensatas são justas e dentro do possível devem ser atendidas, mas sem que se perca o senso de realidade".*

a Prefeitura de Campinas, onde fornecemos mão-de-obra e algum material. Pode também ser colocado no contexto desse projeto o Restaurante do Lago, recém-inaugurado e já em funcionamento. E apesar das dificuldades também não deixamos de construir muito: o mais recente levantamento do Escritório Técnico (Estec) dá conta de que, entre reformas e construções novas, o campus foi acrescido de mais 5.300 m<sup>2</sup> de área

física edificada, além de outros 20.700 m<sup>2</sup> em andamento. Não é pouco, mesmo se confrontarmos isso com o tempo das vacas gordas.

**JU** — Que novos programas ou projetos o sr. considera, a essa altura, já a caminho de serem consolidados?

**Martins** — Há programas e projetos em andamento em praticamente todas as áreas, alguns diretamente decorrentes da ação da Reitoria, outros não. Por exemplo, em torno da realização de um primeiro seminário sobre administração, que reuniu no auditório da DGA representantes de todas as unidades de despesa, há todo um projeto voltado para a questão da descentralização e do aprimoramento administrativos. Essa é uma frente de trabalho que está dando bons frutos e envolvendo cada vez maior número de órgãos e pessoas, num movimento centrípeto e expansivo que me parece sem precedentes. Agradeço também ver que o CAF, a Coordenadoria de Apoio aos Funcionários, já se distribui em várias frentes de atuação junto aos servidores, tanto no plano da cultura, do lazer e do esporte quanto no da assistência social e jurídica. E me alegra particularmente que, nos últimos seis meses, 80% do pessoal da Administração Geral tenha passado por alguma atividade de treinamento profissional; que tenhamos reequacionado o Conselho Orientador de Recursos Humanos (CORH) e a estrutura da Câmara de Avaliação de Servidores (CAS), bem como a Comissão Processante Permanente 2 (CPP), para funcionários, que têm agora uma composição muito mais abrangente e democrática; que o Pró-Seres tenha conseguido, nesse período, mais de 150 bolsas para funcionários da Unicamp que estudam em outras universidades; que tenhamos logrado captar nos últimos três meses cerca de 10 milhões de dólares de recursos extra-orçamentários para a implantação de novos serviços ou a expansão de antigos. Devo dizer que entre esses programas um me orgulha em particular, o de cirurgia cardíaca, reestruturado a partir de julho no âmbito do Hospital das Clínicas e agora em condições de oferecer à sociedade um serviço de primeira ordem numa área em que a Unicamp era reconhecidamente deficiente. Há muitas coisas mais, como por exemplo a recente criação do Conselho de Tecnologia, encarregado de discutir e definir o projeto tecnológico da Universidade, mas não cabe enumerá-las todas aqui.

**JU** — Finalmente, o que está sendo feito no plano do ensino?

**Martins** — Em linhas gerais, está em curso um projeto muito interessante envolvendo as três universidades estaduais na área de pós-graduação. Esse projeto prevê coisas como a uniformização de regimentos, a ministração conjunta de cursos especiais, a aceitação recíproca de créditos comuns, a criação de grupos de pesquisa e ensino comuns e a análise conjunta de desempenho de cursos. E nesse último aspecto há realmente muito que fazer, bastando lembrar que as taxas de evasão chegam a 40% no mestrado e a 27% no doutorado. Em contrapartida, chegaremos ao fim do ano com mais de 1 mil teses defendidas, contra as 798 do ano passado. No plano da graduação estamos realizando uma profunda avaliação da infraestrutura física das salas de aula e um diagnóstico bastante rigoroso dos cursos noturnos existentes na Universidade. E o mais importante, a Pró-Reitoria de Graduação está trabalhando arduamente no projeto de reestruturação do ensino de terceiro grau, um dos itens capitais de nosso programa de trabalho, e certamente o mais desafiador de quantos relacionamos em nossa plataforma de trabalho. (E.G.)



# Cirurgia cardíaca muda de patamar

**Programa amplia e otimiza capacidade cirúrgica do HC da Unicamp**

O Hospital das Clínicas da Unicamp, principal centro de referência médica da região de Campinas, com um atendimento diário de cerca de 1.000 consultas, amplia agora seu serviço de cirurgia cardíaca, que passa a ser coordenado pelo cardiologista Domingo Marcolino Braile. Pioneiro em cirurgia cardíaca no interior do país, com um currículo de 12.500 cirurgias realizadas, o professor Braile é o responsável pela criação do Instituto de Moléstias Cardiovasculares (IMC) de São José do Rio Preto. Até março passado era também o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular.

A vinda do professor Braile para a Unicamp, que aconteceu em julho último, possibilitou à instituição remodelar e dinamizar a sua área cardiológica. O novo programa passa a ser mais uma opção de cirurgia gratuita de altíssimo nível. Até então os pacientes eram obrigados a se deslocar para São Paulo ou outros centros como a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) ou o próprio IMC de São José do Rio Preto. Além da Unicamp, apenas o Hospital Ir-  
mãos Pentecoste oferece um serviço gratuito de cirurgia cardíaca. Nos hospitais particulares seu custo médio é de R\$ 32 mil.

Os objetivos do novo programa anunciado no mês passado pelo reitor José Martins Filho começam pela formação de pessoal, passam pelo desenvolvimento de técnicas e tecnologia aplicáveis à cirurgia cardíaca, e consolida-se com o fortalecimento da área assistencial. Pretende-se, num futuro próximo, transformar a cardiologia da Unicamp num centro regional de referência. A capacidade instalada hoje é de 20 cirurgias por mês. A equipe do professor Braile é formada por três cirurgiões, num total de 14 pessoas.

**Reestruturação** — A unidade de cardiologia da Unicamp conta atualmente com 12 leitos distribuídos entre a cirurgia cardíaca e os atendimentos clínicos. Com a sua recente reestruturação, que implicou em investimento inicial de US\$ 100 mil, a unidade conseguiu triplicar o atendimento. Embora não tenha ainda condições de atender à demanda da região — cerca de 3.000 cirurgias anuais —, o HC está investindo maciçamente no setor.

A iniciativa de reestruturação da área de cirurgia cardíaca coube ao proctologista Raul Raposo. Assim que assumiu a chefia do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina — que engloba as áreas de cirurgia pediátrica, plástica, vascular, de tórax, de trauma e cardíaca —, Raposo percebeu que justamente a cardíaca estava em defasagem em relação às demais. Propôs então a reformulação total do setor e a contratação do cirurgião cardíaco Domingo Braile, para o que contou com o apoio direto do



Domingo Braile (segundo à esquerda) e equipe: Valentin Bacarin, Eduardo Nogueira, Fernando Schilini, Wallasse Vieira, Otávio Rizzi e Reinaldo Vieira.

reitor José Martins Filho, do diretor da FCM Fernando Ferreira Costa, do superintendente do HC, Luiz Jacintho da Silva, do diretor do Departamento de Apoio Médico do HC, Otávio Rizzi Coelho e do Chefe da Cardiologia Clínica, Fernando Schellini.

A contratação de Braile, de acordo com Raposo, deu uma nova dimensão à área de cirurgia cardíaca, com reflexos importantes a nível de ensino e de assistência. "Foi um passo de qualidade. Para se formar um bom cirurgião é necessário oferecer um bom serviço e contar com professores capacitados. Agora podemos pensar no processo de formação de nossos próprios cirurgiões cardíacos", garantiu.

Essa é também a opinião do diretor da FCM, Fernando Ferreira Costa. Segundo ele, a área de cirurgia cardíaca é de grande importância na medicina moderna e a Unicamp não poderia ficar de fora dos avanços no setor. "A reestruturação da área vai propiciar um implemento muito grande no ensino de graduação, pós-graduação e de investigação clínica", afirmou. Já no próximo ano será oferecida a disci-

plina de cirurgia cardíaca a nível de pós-graduação, juntamente com o programa de pós-graduação em cirurgia.

Segundo o cardiologista e diretor do Departamento de Apoio Médico do HC, Otávio Rizzi Coelho, estão sendo elaborados projetos com vistas à captação de recursos externos para o desenvolvimento do setor. Atualmente a unidade coronariana da Unicamp já realiza todos os tipos de cirurgias em adultos: pontes de safena, aneurismectomia, cirurgias valvares e cirurgias de cardiopatias congênitas. A expectativa é que dentro em breve se possa também realizar cirurgias em crianças com menos de cinco quilos, que apresentem doenças cardíacas congênitas. Com a ampliação do serviço, a demanda por cirurgias cardíacas na Unicamp vem crescendo. Cerca de 60 pessoas já estão programadas até o final deste ano.

Os centros cirúrgicos da Universidade são montados com equipamentos cuja tecnologia é 100% nacional. Embora a unidade cardíaca tenha sido criada com os melhores equipamentos para o setor, passados dez anos os apare-

lhos — monitor de pressão, hemodinâmica e outros — precisam ser substituídos por outros de geração mais recente.

**Prevenção** — A vida agitada dos grandes centros urbanos e o sedentarismo das pessoas têm ampliado, nos últimos anos, o índice de infartos. De acordo com as estimativas disponíveis, cerca de um terço das mortes no Brasil, na faixa de 30 a 50 anos, é decorrente de doenças cardiovasculares. A cada ano verifica-se uma incidência de meio milhão de infartos. Desses, 10% morrem nas primeiras horas após a manifestação do problema.

Estresse, fator genético e pressão arterial são fatores que contribuem para a manifestação das doenças cardíacas. O controle desses riscos é fundamental para diminuir ou retardar o surgimento da patologia. Existem, porém, alguns casos em que a cirurgia é imprescindível. É aí que entra a performance do professor Braile e de sua equipe com apoio técnico de toda a estrutura do H.C da Unicamp. (G.C.)

## Quem é Domingo Braile

O cirurgião cardíaco Domingo Marcolino Braile, 56 anos, é natural do município paulista de Nova Aliança. Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em 1962, especializou-se em cirurgia cardíaca, área em que fez sua livre docência em junho último, pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro.

Desde sua graduação no início dos anos 60 até hoje, Braile acumula um currículo respeitável com 12.500 cirurgias cardíacas realizadas. Sua trajetória dedicada às doenças cardiovasculares é ampla. De 1959 a 1962, estagiou na disciplina de cirurgia cardíaca com o professor Euryclides de Jesus Zerbini da 1ª Clínica Cirúrgica da FCM da Universidade de São Paulo. Foi assistente do Serviço Cirúrgico Particular do professor Zerbini em 1961.

**Perícia e competência** — Além de se revelar um cirurgião cardíaco de invejável perícia, é considerado um professor competente, tendo formado vários cirurgiões. Sua preocupação com as doenças coronarianas não se limita, porém, ao ato cirúrgico. As técnicas envolvidas com a cardiologia merecem sua atenção e investigação científica com resultados positivos.

Adaptou e usou pela primeira vez no Brasil

técnicas de proteção miocárdica (cardioplegia) durante cirurgia cardíaca realizada em 1973. É também o responsável pela criação do marca-passo externo, desenvolvido em colaboração com o engenheiro Higinio Carvalho em 1985. Criou e inaugurou vários serviços de residência médica em vários pontos do país.

Publicou 101 trabalhos científicos, sendo 17 em periódicos nacionais, além de 202 resumos. Participou de 177 reuniões científicas no Brasil e no exterior. Como primeiro autor apresentou 88 trabalhos em congressos e numerosos outros como co-autor. Participou de 42 bancas examinadoras e comissões julgadoras.

Proferiu 42 conferências no exterior e detém o título de "Fellow of the International College of Surgeons in Vascular Surgery", Brazilian Section, desde outubro de 1977.

Atualmente, além de coordenar o serviço de cirurgia cardíaca da Unicamp, é também chefe do serviço de cirurgia cardíaca do Hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo e delegado da União das Sociedades Cardiológicas da América do Sul. Além disso, foi o responsável pela criação do Instituto de Moléstias Cardiovasculares de São José do Rio Preto, considerado um dos principais centros de cirurgia cardíaca do país. (G.C.)





# Agressão masculina é tema de estudo

**Álcool, sexo e carência afetiva são as principais causas apontadas**

**A**gressividade é um impulso inato no ser humano. Entretanto, existem situações em que extrapola qualquer limite e coloca o outro sob constante ameaça, verbal ou física. Este é o caso, por exemplo, da violência conjugal onde os maridos são normalmente os agressores e as mulheres as vítimas.

Mas, afinal, por que esse tipo de fenômeno ocorre? A resposta, ou parte dela, está na pesquisa realizada pela psicóloga Deise Maria Beisman sob a orientação da professora Mara Aparecida Alves Cabral. Seu trabalho é fruto de dissertação de mestrado defendida na área de saúde mental da Faculdade de Ciências Médicas, dia 18 de agosto último, e intitulada "Estudo psico-social de homens agressores de mulheres notificadas na Delegacia da Mulher em Campinas".

Entre as causas mais comuns de agressão conjugal, Deise constatou a relação direta com o alcoolismo, dificuldades de natureza sexual e afetiva e o fato do adulto ter sido espancado quando criança. O fator econômico foi apontado por apenas um casal.

**Violência conjugal** — Diferentes estudos vêm sendo realizados sobre a diferença familiar e conjugal. Embora o grupo estudado por Deise esteja na faixa sócio-econômica de um a três salários mínimos e com grau de escolaridade entre primário e ginásial incompleto, a ocorrência do fenômeno não é restrita às classes menos favorecidas social, econômica e culturalmente.

A agressão física do homem em relação à mulher não é também um fenômeno das sociedades modernas. Já na idade média, de acordo com a psicóloga, "o marido se sentia no direito de castigar a esposa", prática que se perpetuou ao longo dos séculos. A partir dos anos 60 e 70 verificou-se uma "conscientização crescente de que a violência contra a mulher é antinatural e deve ser condenada", explica Deise. Os meios de comunicação de massa e os movimentos feministas muito contribuíram para essa mudança de comportamento.



A psicóloga Deise Maria: entrevistas com 60 casais entre 18 e 55 anos.

O trabalho da psicóloga é inédito no Brasil em função de sua abordagem. Esta é a primeira vez que não só a vítima, a mulher, mas também o agressor, o homem, são objeto de análise. Para estudar os aspectos psico-sociais dos homens agressores, a pesquisadora entrevistou dois grupos de 30 casais cada, num total de 120 pessoas.

A pesquisa teve início em agosto de 1991 com a realização de entrevistas diretas com 30 casais na faixa etária de 18 a 55 anos com um mínimo de seis meses a até 30 anos de vida marital. Esse grupo de estudo havia registrado queixa na Delegacia de Mulheres de Campinas. Após o término dessa etapa, em agosto de 1992, Deise aplicou o mesmo tipo de questionário a outro grupo de 30 casais onde a violência física não existia, realizando assim um trabalho comparativo.

**Histórias de vida** — Na recuperação da história de vida dos entrevistados, Deise identificou a desestruturação e a desagregação familiar dos pais como um dos fatores mais presentes nos casais onde a agressão física e verbal era uma constante. Perda do pai por morte ou separação do casal, ter apanhado muito quando criança, alcoolismo, falta de dinheiro, de brinquedos e brigas constantes entre



os pais são algumas das histórias relatadas pelos entrevistados.

No que se refere particularmente à relação dos casais analisados, os problemas de ordem afetiva e sexual sobressaem. "As mulheres relatam, em sua maioria, que a lembrança das agressões contínuas, nos momentos em que o casal está se relacionando, as deixa frias ou pouco receptivas", conta a pesquisadora.

Segundo Deise, "na maioria dos casos as agressões se iniciaram após o casamento ou no início da convivência. Percebe-se que naqueles casos onde a agressão ocorria já na época do namoro, geralmente motivados por ciúmes, após o casamento e/ou convivência houve um agravamento da mesma", acrescenta.

Outro aspecto apontado pela pesquisa são as dificuldades na resolução dos conflitos internos e externos. Os problemas do cotidiano não são debatidos e vão se acumulando. Esses casais não apresentam o hábito de passear juntos ou visitar amigos comuns. Normalmente saem em separado. Vivem na maior parte das vezes fechados em si mesmos, pouco conversam sobre a relação e ou problemas comuns, o que contribui para o agravamento dos conflitos. "Os casais não se permitem um relacionamento mais amadurecido e prazeroso", diz Deise. No grupo comparativo, onde não se registra agressão física, os casais saem com frequência e mantêm atividades que colaboram para evitar a rotina.

**Amor e ódio** — Segundo o sociólogo americano Whilliam Goode, "ninguém consegue nos irritar tanto quanto aqueles com quem convivemos". A afirmação desse autor é facilmente aplicável no cotidiano familiar. O amor e o ódio estão sempre juntos, pois "ninguém conhece tanto o outro, seus pontos fracos e feridas como o companheiro", explica Deise.

As agressões registradas pela pesquisa vão desde tapas, pontapés, tentativas de estrangulamento e até mesmo ameaças com armas de fogo. Nas entrevistas os agressores mostraram-se arrependidos, não só aqueles que estavam bêbados no momento da agressão, mas também os que se encontravam sóbrios. Seus depoimentos, de acordo com a pesquisadora, revelam também que a agressão física é, via de regra, precedida de agressão verbal.

A pesquisa verificou também uma mudança no comportamento da mulher em sua relação com o agressor. Ao contrário do que ocorria no passado, agora muitas vezes a mulher reage. Do universo de 30 mulheres pesquisadas 73,34% (22 mulheres vítimas de agressão) declararam reagir aos maus tratos do marido, 13,33% (quatro mulheres) relataram reagir "às vezes" e apenas 13,33% (outras quatro mulheres) afirmaram não esboçar qualquer tipo de reação. Além disso as mulheres começam a procurar cada vez mais ajuda nos órgãos especializados como a Delegacia da Mulher. (G.C.)

## Composição de júris discrimina mulheres

**Estudo mostra que a razão masculina fala mais alto na escolha de jurados**

**E**xiste na sociedade um preconceito que atribui ao campo público a necessidade de uma razão masculina. Dentro dessa lógica equivocada, as mulheres são menos funcionais e o espaço para vivenciar isso é o privado. A constatação é da antropóloga Tânia Fontolan, que defendeu no dia 26 de junho último, na Unicamp, a dissertação de mestrado "Mulher e representatividade no espaço público: a participação feminina no Tribunal do Júri", com orientação da professora Guita Grin Debert, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade. Para Tânia, o júri também partilha dessa lógica, discriminando a mulher na esfera pública.

Com seu trabalho, a pesquisadora procurou entender como a participação feminina vem sendo admitida em diferentes áreas do setor público e como sua atuação tem sido avaliada em seus aspectos fundamentais: a representatividade, a imparcialidade e a racionalidade. Para isso, baseou-se num Tribunal de Júri — instância que permite a participação de cidadãos — e em seu corpo de jurados, tomando como modelo o município de Americana, desde sua elevação a Comarca Judiciária aos dias atuais.

Numa primeira etapa, a antropóloga se ateve à seleção dos jurados, onde encontrou uma sub-representação feminina. Levantamentos estatísticos realizados em Campinas e região, tendo como base o ano de 1992, indicam que em Campinas a participação feminina em júri foi de 31%; em Jundiá, 28%; em Piracicaba, 20%; em Limeira, 25%; e em Americana constatou-se a média de 42% entre 1990 a 1992. Dados de São Paulo, verificados entre 1984 a 1988, apontam uma média de 34%.

A participação mais intensa da mulher nos júris de Americana fez com que Tânia privilegiasse o município como alvo de seu trabalho. Pesou também o fato de que aquela comarca, inaugurada em 1955, era jovem o suficiente para facilitar um acompanhamento de sua evolu-



Tânia Fontolan: sub-representação feminina é fruto de preconceito.

ção histórica. O tema júri sempre a atraiu, especialmente pela conduta dos homens, e por não restringir-se à parte técnica. "Afloram mesmo os preconceitos", afirma, visualizando no júri uma metáfora enquanto instância de valorização pública".

Numa segunda fase, através de uma série de entrevistas, ela pôde verificar como os agentes da justiça e os jurados masculinos avaliam a participação dessas mulheres. Observou ainda como elas próprias enxergam seu desempenho nos júris. Tomou por base 10 casos de homicídio ocorridos entre 1980 e 1992, concluindo que cinco deles tinham a participação da mulher como maioria no corpo de jurados e nos outros cinco prevalecia a presença masculina. O índice de condenação foi de 50% entre homens e exatamente de 50% entre mulheres.

O maior índice de absolvições ocorreu entre 1955 e 1979, quando não havia ou era mínima a participação feminina. Nesse período registraram-se três mulheres em 41 julgamentos acontecidos em Americana, com uma média de 56% de absolvições. Entre 1980 e 1992,

quando as mulheres começaram a participar mais intensamente de tribunais de júri, o número de absolvições caiu para 28%. "As cifras comprovam a igualdade da mulher em relação ao homem, mostrando a mesma capacidade para julgar, embora o discurso dos agentes da Justiça, bem como de muitos representantes do sexo masculino, afirmem o contrário", diz a antropóloga.

**Duas versões** — Advogados e promotores de justiça afirmam textualmente que têm dois discursos, um para jurados homens e outro para mulheres. Quando se dirigem aos primeiros, se atêm aos aspectos técnicos. O mesmo não ocorre quando se voltam para o público feminino, para quem guardam uma versão apelativa e emocional. "Além de sofrerem discriminação gratuita por parte dos agentes da Justiça, sejam eles juízes, promotores, advogados ou funcionários forenses, ainda que do sexo feminino, esbarram no preconceito dos próprios jurados do sexo masculino", diz.

Após ouvir um número razoável de mulheres juradas, Tânia concluiu que elas se consideram iguais aos homens, mas sabem, no entanto, que pesa sobre elas determinados estereótipos. Um outro estigma por parte dos agentes e funcionários da Justiça é o do profissionalismo e o do diploma. "Todas as mulheres chamadas para compor um júri são profissionalizadas", frisa Tânia, lembrando que os agentes da Justiça se ancoram em três argumentos básicos para discriminá-las.

Primeiro porque consideram que as donas-de-casa têm horizonte limitado. Segundo, não desviá-las de sua função social de reprodução e, por último, alegam que não teriam como buscá-las, já que estão em geral desvinculadas de qualquer entidade.

**Exclusão de grupos** — O segundo grupo excluído da pesquisa é o das pessoas de baixa renda. "A associação de fatos como pouca escolaridade e baixa renda é mortal para as pretensões de quem queira, eventualmente, ser indicado para compor um júri", afirma Tânia. Ela diz que esse entendimento começa pelos juízes que sancionam a seleção e termina nos funcionários forenses que a operam, passando pelas entidades que são instadas a apontarem nomes. A alegação é de que a classe pobre tem pouco acesso à educação, faltando-lhe nível para compreender o conteúdo de um julgamento. Outra justificativa dos agentes da justiça é a de que normalmente os réus têm origem em ambientes desfavorecidos. No júri da Economia Popular de Americana, entre 1964 e 1973, criado para julgar crimes ligados à prestação de serviços e consumo, 62% das juradas eram donas-de-casa. "Isso evidencia a discriminação: contra a mulher e especificamente a do lar", diz a pesquisadora.

Para escrever sua dissertação, Tânia buscou registros sobre o júri na história brasileira, pesquisou todos os documentos referentes à instituição na comarca de Americana, ao longo de quatro décadas de funcionamento. Foram autôgrafos de processos, listas de jurados, notícias na mídia local, além da realização de entrevistas com diversos grupos envolvidos com o júri — profissionais da Justiça e jurados e observação de uma dezena de julgamentos visando à compreensão dos rituais de seu funcionamento. (L.C.V.P.)



# Drogados. Ciência busca uma nova visão sobre eles

**Tese oferece rara contribuição aos profissionais que se dedicam à recuperação de viciados**

**E**les pertencem a famílias emocionalmente desestruturadas, pelas quais se sentiram rejeitados desde pequenos. Todos têm algum grau de alfabetização, até mesmo o curso superior completo, mas a maior parte do tempo engrossam a fila dos desempregados. Outros traços em comum que apresentam são a voz monótona, sem emoção, como que vinda de uma máquina, e o olhar que se perde, como se nada enxergassem à frente.

Com idade entre 18 e 54 anos, quase todos entraram para o mundo das drogas no início da adolescência. Eles formam o grupo de 53 indivíduos do sexo masculino que em 1985 se encontrava em tratamento numa instituição da região de Campinas. Naquele ano, entre os meses de fevereiro e outubro, a psiquiatra Maria José Franklin Moreira, docente da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, iniciava o seu trabalho de doutoramento.

Passada quase uma década ela apresentou junto ao Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria a tese "Aprendendo com a experiência dos drogados", cujo título é uma referência à obra do psicanalista Wilfred Ruprecht Bion. O conteúdo de sua tese é uma rara contribuição aos profissionais que se dedicam à recuperação dos dependentes químicos. O motivo é ter realizado um estudo qualitativo, com base no método psicanalítico de Bion — que apresentou contribuições originais à psicanálise, depois de Freud e Melanie Klein. Para a tese ela se serviu também do mito de Baco como modelo de desenvolvimento mental, para auxiliar a compreensão do fenômeno da drogadição.

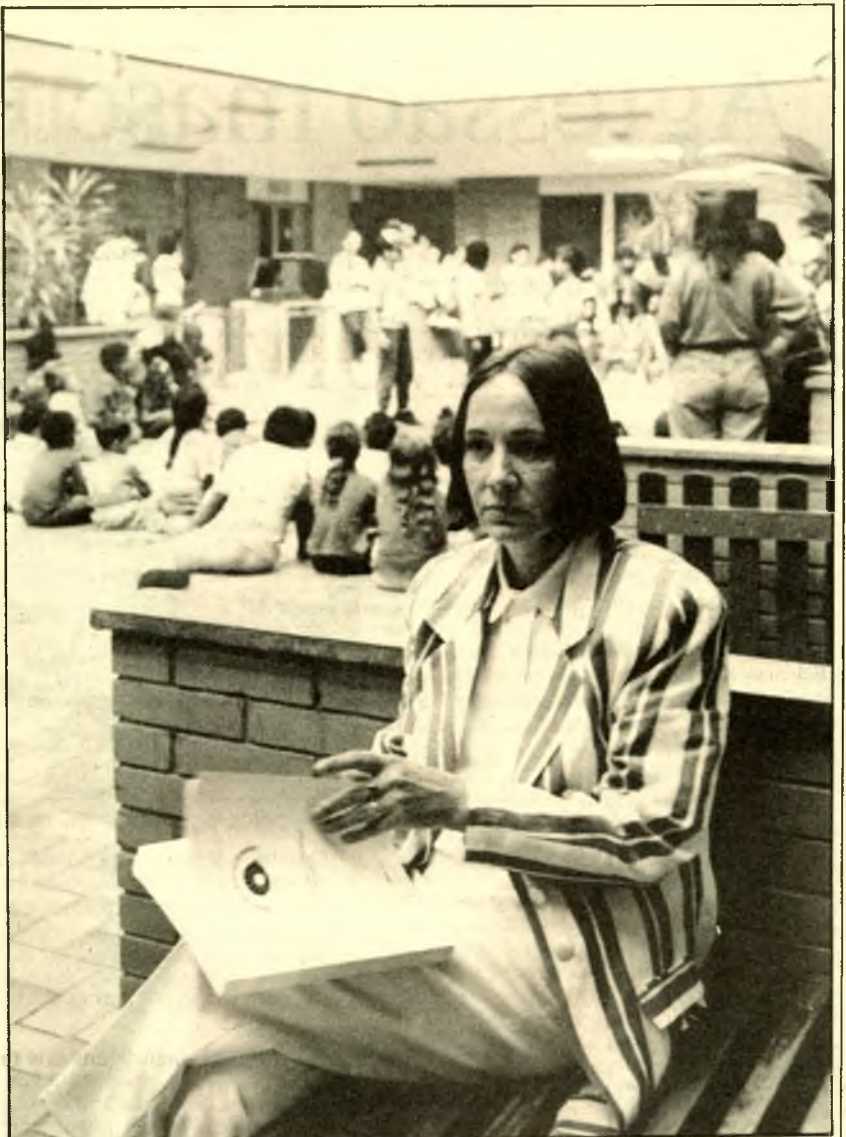
**A experiência dos drogados** — Marginalizada, a maioria dos indivíduos que ela entrevistou cresceu em ambientes caracterizados pelo alcoolismo, drogadição, internações psiquiátricas, problemas com a polícia ou a Justiça, tentativas de suicídio ou o suicídio consumado. Para quase metade do grupo o primeiro contato com as drogas ocorreu entre 11 e 15 anos, sendo que para alguns o início se deu até antes do sexto ao décimo ano. A curiosidade foi a razão mencionada por 27 deles. Alguns afirmaram ter sido motivados pela raiva ou por hábito de família. Álcool e maconha foram os mais usados no primeiro contato.

"Com o decorrer dos anos, mesmo diante das sensações ruins, eles continuaram a usar drogas", afirma Maria José. Em

se tratando de droga endovenosa, a psiquiatra percebia uma inclinação marcante do viciado para desvalorizar a própria vida, já que o hábito implica em fazer pouco caso da higiene e da possibilidade de contrair doenças como Aids e hepatite devido, quase sempre, ao uso da mesma seringa. Outro fato que a deixou impressionada foi o modo como eles diziam passar o dia: entregues à procura e aos efeitos da droga. Até mesmo na instituição, onde era permitido receberem pó de café e cigarros, os pacientes se dopavam. "Percebi como o consumo dessas drogas era elevado, chegando até a quatro maços de cigarros por dia e até quatro litros diários de café".

**A orfandade psíquica** — Enquanto realizava seu estudo, Maria José se convenceu de que o mito de Baco é o que mais se aproxima da realidade dos drogados: "Filho de Zeus e da princesa Sêmele, Baco foi concebido numa situação de adultério e orgia. Ao nascer, saiu para a vida já órfão de mãe e também abandonado pelo pai. Foi entregue aos cuidados de ninfas, musas, sátiros, bacantes e de Sileno, que era o responsável por sua educação, embora vivesse constantemente embriagado. Um dia, passeando pelo Vale de Nisa, Baco descobriu o vinho e seus efeitos sobre as pessoas, passando então a utilizá-lo para provocar tragédias".

De acordo com o mito, Baco não foi desejado nem viveu com os pais uma experiência que lhe permitisse introjetá-los no seu mundo psíquico. Quase todos os indivíduos do grupo estudado tiveram pais, mas não viveram com eles uma experiência que lhes proporcionasse introjetar as figuras paternas, de modo que ficaram psicologicamente órfãos. Diante da ressonância entre o mito e os drogados, Maria José levantou alguns questionamentos. "Será que é tão importante assim ser objeto do desejo dos pais? Ser amado pelos pais antes mesmo de nascer ou de ser concebido? São questões profundas para as quais, certamente, não há respostas conclusivas".



**Maria José: contribuição aos profissionais que se dedicam à recuperação de dependentes químicos.**

Entretanto, os mitos de Apolo, Eros, Édipo e os personagens bíblicos de João e Jesus apresentam elementos que ajudam a refletir sobre essas questões. O que parece revelar os mitos e apontar algumas hipóteses da física moderna é que no ser de cada um existe o registro mental de tudo o que lhe aconteceu desde o seu início, incluindo o desejo de ter sido concebido. "Os drogados entrevistados passaram a impressão de que se sentiam 'jogados num mundo ao qual não pertenciam e não aprenderam a respeitar", diz a pesquisadora.

"O movimento de suas vidas se dirige a uma volta ao pai céu e à mãe terra, os primitivos pais de toda origem", explica a psiquiatra. "Indivíduos assim desorientados sofrem de uma espécie de 'Complexo de Baco, em que se sentem psicologicamente órfãos e passam pela existência como zumbis, de um lado para outro, sempre 'viajando, nos vários sentidos, até à última viagem, a morte, ao encontro dos pais primordiais". (C.P.)

## Unicamp aprofunda estudos sobre hiperativos

**Pesquisadores investem na localização da área do cérebro onde ocorrem as alterações**

**P**roblemas de origem orgânica ou emocional, associados ao conflito das profissões, do dinheiro e do consumismo estão produzindo cada vez mais gerações de crianças hiperativas. Elas podem ser vistas nas salas de aula, nos supermercados, nos prédios de apartamentos e em lares de famílias das mais variadas classes sociais. Não passam despercebidas e são pouco apreciadas pelos familiares, vizinhos e amigos dos pais.

As pessoas geralmente procuram evitá-las em suas casas, já que essas crianças não conseguem permanecer quietas. Quebrar objetos de decoração, dependurar-se em cortinas, rasgar tecido de poltronas e puxar o rabo do cachorro que mal acabaram de conhecer são algumas das traquinagens menos graves que cometem a todo instante.

Estudos sobre as causas da hiperatividade vêm sendo realizados há mais de 10 anos pela psiquiatra Lídia Straus, professora do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Considerada uma doença com possibilidades de tratamento, a hiperatividade (aumento da atividade motora) é um dos sintomas da síndrome hipercinética. É sobre esse tema que a pesquisadora vem desenvolvendo estudos teóricos e empíricos, não só no Brasil como em países como Japão, Tailândia e Hong Kong, onde permaneceu durante meses, realizando trabalhos comparativos.

Lídia defendeu tese de doutoramento em 1985 com o título "Síndrome hipercinética infantil: constante ou orgânica e situacional ou psicogênica". Para a conclusão do trabalho ela avaliou e acompanhou, durante um ano e meio, 143 crianças hiperativas. Desse universo, 18% foram seguidas por mais de oito anos.

**Sintomas** — A pesquisadora da Unicamp explica que a hiperatividade pode ser de origem orgânica ou emocional ou, ainda, provocada por ambas ao mesmo tempo. O sintoma principal da doença parece ser a ausência de concentração ou déficit de atenção. A dificuldade de concluir suas tarefas, simples ou complexas, é



**Lídia Straus: estudos de caso há mais de dez anos.**

outro sintoma, decorrente da ausência de concentração. Em geral essas crianças não sabem ouvir, a todo momento, discurso dos outros e não esperam o final da pergunta para responder.

A inteligência dessa criança, que varia normalmente de média para alta, faz com que ela tenha plena consciência do que está acontecendo à sua volta. Essa constatação, ao lado dos sintomas avaliados, provoca frustrações, mais contatos interpessoais, rendimento escolar insuficiente e irritação constante.

Segundo Lídia, existem diversos graus de hiperatividade. Para se fazer o diagnóstico é necessária uma história de mais de seis meses com os sintomas. Os hiperativos costumam também perder objetos necessários ao término de uma determinada atividade. Assim justificam para os outros o fato de não terem concluído suas tarefas.

**Origem orgânica e emocional** — O assunto está ainda em estudos nos países mais avançados e mesmo no Brasil. Pesquisas mais recentes o relacionam a alterações químicas presentes no cérebro. "Alteração dessas substâncias — denominadas dopamina e noradrenalina — em algumas regiões do cérebro podem causar dificuldades no controle da motricidade e da concentração da criança", explica Lídia. Na Unicamp as pesquisas visam a localizar com exatidão a área do cérebro onde ocorrem as alterações para posterior tratamento. Isso já vem sendo possível através de exames com equipamentos sofisticados. A avaliação clínica visando a um diagnóstico mais específico também é uma meta. A hiperatividade de fundo emocional, aparece associada a problemas de estrutura familiar. É comum, nesses casos, a criança viver com a mãe ou somente com o pai, em casos de separação ou viuvez, podendo ocorrer também de a mãe ser solteira. Os casais que vivem mal, desrespeitando-se e brigando na frente dos filhos, as gravidezes indesejadas, os processos de adoção mal administrados podem resultar em hiperatividade de fundo emocional.

A falta de afeto e a convivência com o peso do sofrimento dos pais pode fazer com que essas crianças vivam a fantasia da reconciliação do casal. Os adotivos, cujos pais escondem sua verdadeira origem, vivem conflitados entre a realidade de seu inconsciente e aquela imposta pelos pais adotivos. Passam a conviver com um nível de ansiedade muito alto, que se transforma em hiperatividade.

Em sua experiência na Tailândia, a pesquisadora da Unicamp constatou que a evolução natural provocada pela industrialização social está provocando o aparecimento de casos de crianças hiperativas. O contrário não se verifica nas famílias tradicionais cuja atividade de daga, quase exclusivamente, com artesanato, evitando a ansiedade gerada pelo consumismo ou pelas disputas profissionais. O tratamento indicado para os hiperativos de origem emocional é a terapia, muitas vezes, acompanhada de orientação recebida em casa e na escola. (L.C.V.P.)



# Já nas ruas o semáforo inteligente desenvolvido na FEE

*Sistema instalado em São Bernardo do Campo  
melhora o fluxo e reduz índice de acidentes*

A prefeitura de São Bernardo do Campo, município da Grande São Paulo, começa a implantar a última etapa do sistema inteligente para o controle de tráfego urbano desenvolvido pela Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE) da Unicamp. Sua primeira fase consistiu em acionar, ao longo da Avenida Caminho do Mar, oito semáforos operados por computador, em substituição aos aparelhos convencionais. Como resultado, o índice de acidentes diminuiu em cerca de 30% no prazo de um ano.

O projeto é pioneiro no país, enquanto fruto de um convênio de cooperação tecnológica assinado em 1991 entre a Universidade e a prefeitura de São Bernardo, para otimizar o fluxo do trânsito e minimizar as ocorrências de acidentes de trânsito naquela via. Uma vez concluída a linha piloto com um nível de confiabilidade satisfatório, estão sendo construídos e instalados nos pontos negros das ruas da cidade 120 controladores que irão operar em rede através de duas centrais de trânsito.

O controlador de semáforos desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Processamento de Sinais, vinculado ao Departamento de Comunicações da FEE, apresenta custo mínimo quando comparado ao sistema importado — US\$ 500 mil, contra aproximadamente US\$ 9 milhões. Inspirado na tecnologia inglesa, considerada das melhores do mundo na área, o semáforo inteligente possui algumas características que o diferem do modelo eletromecânico, que depende constantemente de manutenção.

**Planos semafóricos** — O novo modelo tem capacidade para programação de múltiplos planos, ou seja, para vários conjuntos de tempos vermelho/amarelo/verde nos cruzamentos, que variam de acordo com o horário e o fluxo. Um exemplo da coordenação entre os semáforos é definir a onda verde a 60 km/h. O modelo inteligente desenvolvido na FEE é composto por 12 fases (as diferentes seqüências de cores numa mesma direção de movimento no cru-

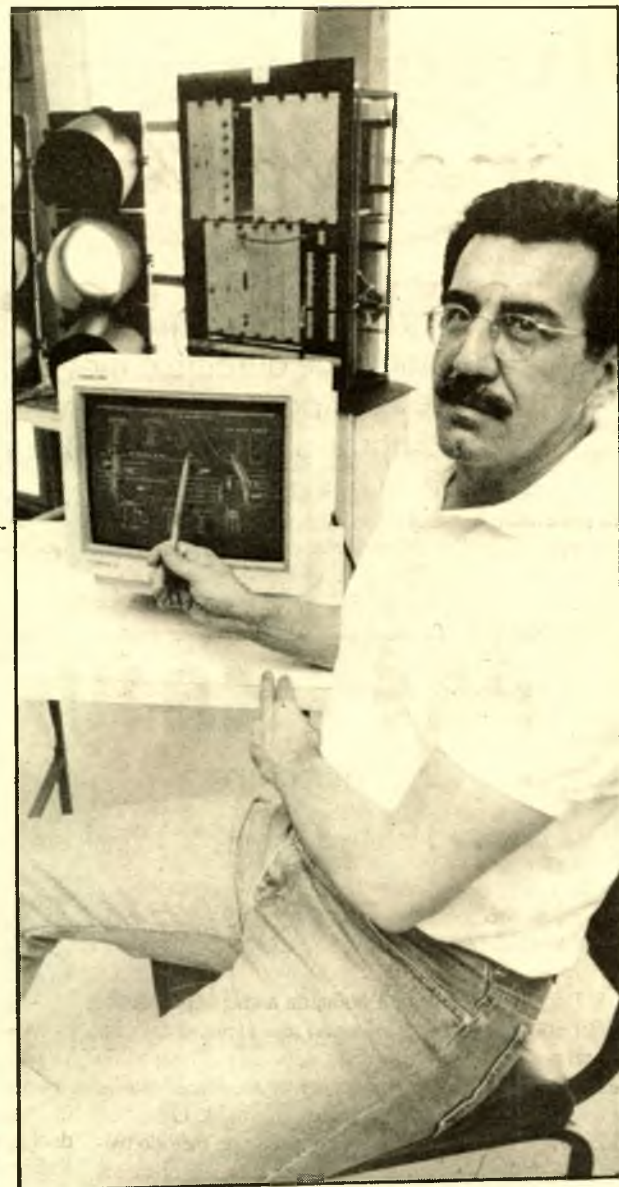
zamento) e 20 estágios (ou seja, a configuração de cores num determinado período de tempo no cruzamento).

Apresenta 15 detectores de veículos (sistema para a contagem dos automóveis, ônibus, caminhões, motos) e seis detectores de pedestres (acionado pelo pedestre para interromper o tráfego de veículos). A programação remota do sistema é via cabo coaxial (linha que transporta informações). Porém, uma de suas principais peculiaridades é a mudança de planos semafóricos por horário, a fim de adequar o fluxo do trânsito com o tempo de espera no sinal vermelho. O controle interno funciona por microprocessador de 16 bits.

O chefe do Laboratório de Processamento de Sinais, professor José Geraldo Chiquito, um dos responsáveis pela realização do projeto, explica que uma linha de comunicação tipo coaxial conecta os controladores com a central, cujo computador recebe dados como a contagem dos veículos, mensagens dos módulos de potência, de falhas ou a lista de planos armazenados na memória do controlador. Também é na central que se pode programar os controladores pela transmissão de novos planos semafóricos. Para facilitar a documentação dos primeiros testes, como análises de laboratório e de campo, foi instalado um programa para a edição de mapas de cruzamento.

**Malha fechada** — O sistema inteligente de controle de tráfego urbano desenvolvido na Universidade entra agora em sua segunda fase, considerada uma etapa inédita no Brasil: começa a operar em malha fechada — *closed loop*. Para isso, em cada intersecção foi introduzido, a cerca de cinco centímetros de profundidade do asfalto, um fio magnético denominado laço condutor. Conforme os veículos passam nas faixas de rolamento, os 48 laços fornecem informações como a quantificação dos automóveis.

Através de um software desenvolvido na FEE, os dados são processados e compilados por programas de otimização, chegando nos controladores de campo em tempo real, ou seja, *on line*, seguindo uma seqüência de



Chiquito em seu laboratório: projeto inovador.

ajustes de acordo com a necessidade momentânea do tráfego. Isso é possível uma vez que a variação magnética dos laços indutivos emite para a central de controle, a cada segundo, a quantificação do volume de tráfego.

Como passo seguinte da malha fechada, o engenheiro de tráfego recebe os dados já em forma de tabelas de planos, analisa as informações e posteriormente devolve os planos para o controlador na intersecção. Fecha-se então a malha, com a garantia de que a otimização em tempo real melhora o desempenho do tráfego. Outras vantagens até agora verificadas são a redução dos índices de poluição, menos stress para o motorista e menor desgaste do motor do veículo. (C.P.)

## FEM consolida laboratório ferroviário

*Equipamentos simulam  
situações de desgaste  
e desempenho  
de trens em viagem*

As condições de segurança de tráfego de um trem estão diretamente relacionadas com o superaquecimento das rodas, causa comum de acidentes em ferrovias. A alteração da temperatura no metal provoca a quebra, trinca ou algum outro defeito, cuja responsabilidade era até então atribuída ao fabricante das rodas. Esse tipo de falha, no entanto, se verifica já há alguns anos tanto no Brasil como nos Estados Unidos, servindo mais recentemente como objeto de estudos da engenharia ferroviária, uma nova área das ciências exatas. As pesquisas vêm acontecendo no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) e na Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp, que desde outubro mantém em funcionamento as bancadas do Laboratório Ferroviário da Universidade.

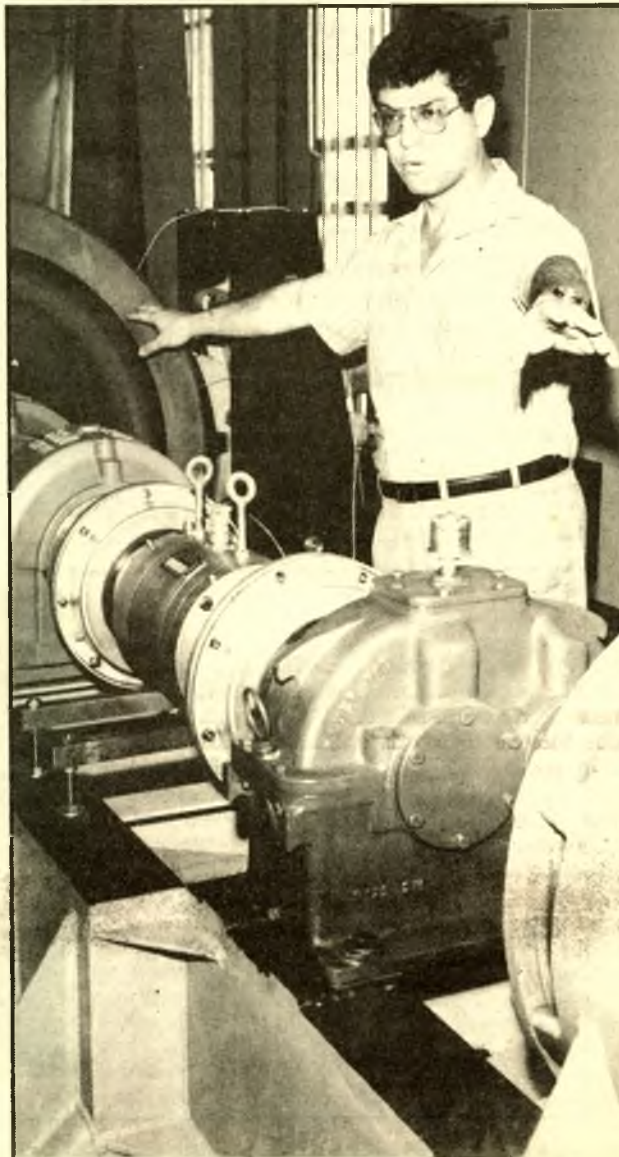
A realização de testes com freios ferroviários é a principal atividade do laboratório, coordenado pelo professor Fausto Rodrigues Filho. Os estudos realizados no local tornam possível a determinação das características desejáveis em cada ferrovia, em função das condições de operação das linhas, a velocidade da composição e outros aspectos do veículo e da via, explica o coordenador do laboratório. No caso do superaquecimento das rodas, ficou comprovado ser esse um problema decorrente da frenagem seguida de resfriamento, e não de algum eventual defeito de produção ou da carga transportada, como também se acreditava. "Hoje as ferrovias aceitam essa constatação: não é falha de fabricação da roda, mas do procedimento e das condições de frenagem", diz Fausto.

**Três bancadas** — O Laboratório Ferroviário é fruto de convênios firmados entre a Universidade e as empre-

sas Companhia Vale do Rio Doce, Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA) e Ferrovia Paulista S/A (Fepasa). É constituído por três bancadas de ensaio: para amostras do material de atrito, para sapatas de freio e banco dinamométrico. A primeira, um dispositivo de ensaios de amostras, tem capacidade para realizar o ensaio padronizado de freios automobilísticos, utilizando para isso a máquina tipo Krauss desenvolvida pela FEM. Idealizada para fins de estudo e pesquisa, faz o controle de qualidade como a similar importada da Alemanha e é usada para ensaios com valores iguais ou diferentes dos parâmetros recomendados por normas técnicas, porém realizados em condições próximas do que acontece num veículo. Com a máquina tipo Krauss a FEM está assessorando também empresas de freios rodoviários em testes para o desenvolvimento de produtos.

A segunda bancada do Laboratório Ferroviário é destinada a ensaios de sapata, para os quais se utiliza uma máquina projetada e construída pela FEM. "Essa máquina apresenta capacidade e características suficientes para o ensaio de uma sapata real, e não apenas uma amostra dela, aplicada contra uma roda ferroviária também real e nas condições de uso como numa ferrovia", explica o coordenador do laboratório. O equipamento tem componentes como o sensor de temperatura, o torquímetro rotativo e o transdutor de pressão, que mede a pressão do ar que empurra a sapata de freio sobre a roda. Com os ensaios efetuados nessa bancada é possível se obter as características de desempenho da sapata.

A terceira máquina que compõe o Laboratório Ferroviário é o banco dinamométrico, ainda em fase de construção. Será usado para o estudo de capacidade do freio, com simulações em condições conhecidas e controladas das mesmas situações observadas na ferrovia. Também servirá para o estabelecimento de normas e critérios para a especificação de sapatas de freio. Segundo Fausto, entre os seus componentes haverá 18 volantes de inércia com capacidade para simular o peso de um vagão com até 120 toneladas, nas proporções dos maiores em circulação e em velocidade de 15 a 100 km/h. (C.P.)



Fausto em seu laboratório na Engenharia Mecânica.



*La Vilette*

MODA FEMININA

Deseja a todos "Feliz Natal" e lembramos que durante o mês de dezembro para seu conforto, o nosso horário de atendimento estende-se até as 22:00 horas.

Av. Albino S.B. Oliveira nº 830 - Barão Geraldo - Campinas  
Fone: 39-0091 - Galeria Flamboyant

**PRÉ - CAJÚ**

Fevereiro

Aéreos + Hotel + Passeios + Translados

Apto Duplo - 3 x 223,00 = 669,00  
Apto Triplo - 3 x 209,50 = 628,50

**Algo de novo no Nordeste  
Venha conhecer este roteiro!**



**BALI TUR**

Rua Horácio Leonardi, 92  
Galeria Nahas - Loja 9  
Barão Geraldo  
Tele/Fax: 39-2248  
Fone: 39-1504 - Campinas

**ERNANE'S BUFFET**



Sua Festa com Total Qualidade.

**Festas de casamento,  
aniversários, eventos.**

**TEMOS TUDO PARA  
A SUA FORMATURA.**

- Salões para 50 a 1000 pessoas
- Locações de equipamentos para festas

Aceitamos encomendas para salgados

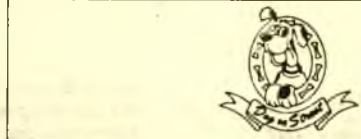
Solicite orçamento

sem compromisso.

**FONE/FAX: (0192) 54-4597**

R. Com. Querubim Uriel, 292

Cambuí - Campinas - SP.



O Primeiro **PET SHOP** de B. Geraldo

Rações - casinhas - Roupas em Soft  
Caixa de Transporte - Coleiras e Guias  
Filhotes - Artigos Nacionais e Importados  
Breve - BANHO e TOSA

de 2ª à 6ª das 9:00 às 20:00 hs.  
Sábado das 9:00 às 18:00 hs.  
Domingo das 9:00 às 14:00 hs.

**ESTACIONAMENTO PRÓPRIO**  
Av. Albino José B. de Oliveira, 998 - B. Geraldo - Campinas  
F: 39-0310

**BOM DIA E BONS NEGÓCIOS!**



Em Barão Geraldo, a melhor opção é  
**Estoril Autos**

Vendemos, Trocamos e Compramos seu carro com toda segurança.  
Atendimento especial para Consignação.

**Ligue já: 39-5656**

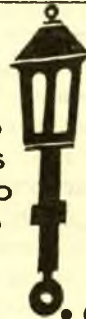
Av. Albino J. B. de Oliveira, 1939 (Estrada da Rhodia)  
Financiamento em até 12 meses inclusive aos Sábados

**VELUSCO**  
DEPILAÇÕES  
**CABELEIREIROS**  
unissex e Infantil  
Profissionais Especializados  
Equipamentos Especiais  
Rua Jean Nassif Mokarzel, 47  
Barão Geraldo  
Manicure & Pedicure **FONE: 39-4379**



CAFÉ CREME

A tradição de tortas em Barão Geraldo



Restaurante ALAMANDA

UM lugar aconchegante para você almoçar.

- Salgados
- Tortas
- Bolos
- Sucos
- Chás
- Café Expresso
- Encomendas de Tortas e Bolos
- Comida caseira
- Self-Service de saladas
- Aos sábados, Feijoada Light.

R. Horácio Leonardi, 92 - Loja 11, 12, 13 e 14

**FONE: 39-0065**

**Óptica Sta. Izabel**

Vários modelos em óculos de sol e grau  
**Nacionais e Importados**

Laboratório Próprio

Acima de R\$ 60,00  
condições especiais de pagamento

R. Horácio Leonardi nº 92 - Loja 08 / Fone: (0192) 39-2135  
Barão Geraldo - Campinas - SP.

**Bambino Mio**

MODA INFANTO/JUVENIL

Loja especializada em enxoval para o bebê, enfeites e acessórios para o quarto e maternidade

**Confecção para crianças de até 10 anos.**

Galeria Nahas  
R. Horácio Leonardi, nº 92 - Loja 7  
Barão Geraldo - Campinas - SP.



ACESSÓRIOS E PEÇAS  
NACIONAIS E IMPORTADAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
**CALOI**

- Oficina especializada
- Mountain Bike c/ câmbio Shimano Sis, 5 - 15 - 18 e 21 marchas
- Garantia de 6 meses para toda a linha

Consulte nossos preços

**FONE: 39-5080**

R. Cecília Feres Zogbi, 39 - B. Geraldo (Próx. ao Banespa)



**Pharmácia Magistral**

HOMEOPATIA  
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULAS  
ESSÊNCIAS FLORAIS

Farmacêutica Homeopata: Denise Dery Saburi - CRF 8 11 888

Convênios: ASSUC - ADUNICAMP - TELEBRÁS - RHODIA - A.P.G.

Av. Sta. Isabel, 284 - Barão Geraldo - FONE: 39-2319



**liubliá**

ESCOLAR

Gal. Nahas  
B. Geraldo

- Literatura
- Didáticos
- Paradidáticos
- Auto-ajuda

Existe uma livraria nesta cidade

**liubliá**



**FONE/FAX: (0192) 392000 e 391058**

**liubliá**



UNIVERSITÁRIA  
Tílli Center  
Cid. Universitária

- Arte
- Técnicos
- Ciências
- Revistas Importadas



# Entre o moderno e o provinciano

## Tese analisa contradições da evolução cultural em Campinas

Em 1913, nove anos antes da Semana de Arte Moderna, a cidade de Campinas assistia à segunda exposição modernista do país. A primeira ocorrera seis meses antes em São Paulo. Por intermédio do senador Freitas Valles, patrono do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) da cidade, os campineiros puderam ver, antes mesmo do eixo Rio-São Paulo, o cubismo expresso na obra do pintor Lasar Segall. Entretanto, dado o caráter provinciano da cidade na época, essa exposição não deixou marcas na produção dos artistas locais, que continuaram a seguir seus modelos acadêmicos.

Embora Campinas se notabilizasse, no início do século, por sua grande profusão de saraus litero-musicais e por exposições artísticas, esses encontros estavam longe de serem motivados ou direcionados para uma intenção de vanguarda. Na verdade esses encontros eram marcados pelas relações puramente sociais das elites campineiras, que buscavam nesse gênero de atividade cultural aproximar as senhoritas e os varões, herdeiros diretos dos antigos barões da indústria cafeeira e capitalistas em ascensão.

Esta é uma das conclusões do sociólogo Paulo Barreto em sua dissertação de mestrado defendida em agosto último no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, sob a orientação do professor Renato Ortiz. Em seu trabalho intitulado "O caracol e o caramujo: artistas & Cia. na cidade", Barreto mostra como se deu "o processo de constituição do campo cultural de Campinas e a dependência social de seus artistas, criadores e intelectuais em relação às instituições tradicionais como a Igreja, o partido, o poder e, em grau diminuto, com o 'mercado' transpassado de maneira difusa na cidade".

**História social e cultural** — Para entender a produção cultural de Campinas e suas relações com a capital paulista, o sociólogo volta ao início do século, mais exatamente ao ano da criação do Centro de Ciências Letras e Artes, 1902. É no CCLA que se concentram as principais iniciativas do campo cultural local. Num segundo momento analisa a produção cinematográfica "autônoma" da cidade nos anos 20, e sua tentativa frustrada de se firmar como "a hollywood brasileira". Em seguida reflete sobre o surgimento tardio da arte moderna em Campinas através de alguns grupos nos anos 50 e 60, especialmente o Grupo Vanguarda. O trabalho de Barreto se estende até o início dos anos 90.

Durante o percurso que faz sobre a história social e cultural de Campinas, o sociólogo quer saber por que o bem cultural passa a ter mais valor de troca do que de reflexão. Em seu trabalho mostra que a formação da cultura se dá dentro da lógica da exclusão. Percebe isso através das ideologias presentes no discurso da família campineira de início do século, que se revela moralista e conservador.

Descobre que o estímulo à cultura se dava mais na direção da arte bem-comportada. E isso não ocorria por acaso, mas porque era esse o espaço de trânsito das classes dirigentes e da classe média coligada aos mesmos interesses. Tudo o que fugia ao espírito conservador da família campineira, como o realismo do escritor francês Emile Zola, cuja literatura era considerada imoral para os padrões da época, foi prontamente rejeitado.

Acaba também com o mito de *boom* cultural em Campinas no início do século. Segundo o sociólogo, embora tenham existido alguns movimentos artísticos importantes, eles foram "engolidos" pelo caráter moralista e ufanista das famílias campineiras que representavam a elite da época. Para elas a arte e a cultura não eram um fim em si mesmas, mas um meio de manutenção da diferenciação social.

**Centro de Ciências** — A criação do CCLA tinha por objetivo inicial fomentar a produção intelectual de cunho científico visando à difusão do saber. Seu corpo de associados era integrado por profissionais liberais e literatos. Era o espaço para a discussão das pesquisas, das idéias progressistas e até de novos inventos técnicos — em geral agrícolas.

Entretanto, dado o caráter do grupo dirigente local, formado na sua maioria por fazendeiros, capitalistas e funcionários da classe média, menos de cinco anos depois modifica-se a composição de seus sócios com o rompimento do espaço da ciência para espaço literário. Verifica-se então acentuado declínio das atividades liberais e um aumento significativo do número de proprietários e de profissionais médios, segundo relata o sociólogo.

A partir desta mudança, os saraus litero-musicais e as exposições artísticas deixam de despertar maior interesse. Segundo Barreto, o fenômeno se dá devido à sociabilidade alicerçada nas alianças matrimoniais; ao espetáculo desprovido de conteúdo artístico e ao ideal standardizado da arte e do artista. "A idéia de virtuosismo e amorismo transparece na medida em que anula a criatividade em detrimento da reprodução passiva e contemplativa", afirma o sociólogo.

**Mudanças** — Os anos 20 assistem ao primeiro surto cinematográfico da cidade, também refletida, de certo modo, na estrutura familiar da época. Era uma fração da classe média que se entusiasmava com o cinema. "A imagem dinâmica demarca mudanças estruturais processadas no interior da cidade, alterações que se refletem no comportamento e no lazer de determinados grupos so-

ciais. Produzir filmes em Campinas, bem como no país, significava burlar a inexistência de capitais estruturados e sólidos", explica Barreto.

A introdução da produção cinematográfica na cidade é acompanhada de uma perspectiva de modernidade, consideradas as temáticas abordadas, quase sempre vinculadas às questões de moral e da sexualidade. Por essa razão é condenada pela classe dirigente local, que não se preocupa em discutir o conteúdo das obras enquanto arte. *A Carne e Mocidade Louca*, de Felipe Ricci, produzidos em 1925, são uma amostra da ousadia que por vezes se encontrava presente nessas obras.

**Grupos de vanguarda** — Nos anos 50 e 70, quando surgem os primeiros grupos pós-acadêmicos em Campinas, — isto é, com um atraso de pelo menos 40 anos em relação ao panorama paulista —, verifica-se uma nova articulação na produção artístico-cultural da cidade. O país vive um novo cenário com a perspectiva progressista e ufanista de Juscelino Kubitschek. No cenário cultural nacional há o surgimento de instituições atualizadas como o Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Campinas.

No cenário local observam-se momentos pontuais de arte moderna. Foi-se formando lentamente, no final dos anos 50, um movimento de resistência à arte acadêmica. O grupo de vanguarda, composto basicamente por 11 pessoas — entre elas o professor Bernardo Caro, que depois seria professor e diretor do Instituto de Artes do Unicamp — procura, aos poucos, romper com o discurso acadêmico. Entretanto, em decorrência do próprio esgotamento dos grupos e da própria vanguarda, dissolve-se em meados dos anos 60, embora seus integrantes continuem produzindo.

O trabalho de Barreto detém-se ainda no movimento cultural da cidade dos anos 70 até os anos 90. Com base em seu trabalho, o sociólogo conclui que a identidade campineira é permeada pela dicotomia da produção da metrópole e pela da província.

"É uma cidade sempre em vias de ser metrópole. Mas o bairrismo e o ufanismo persistem, sendo o principal sintoma da provincianidade não raro, Campinas se considera o umbigo do mundo. A fração dominante para se perpetuar no poder faz o discurso do dominador. É uma identidade forjada ao longo do tempo, de forma autoritária e conservadora", explica o sociólogo. (G.C./E.G.)



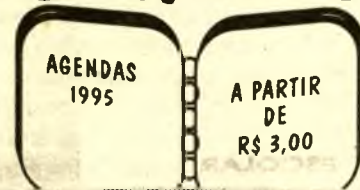
Paulo Barreto: profusão de exposições e de saraus litero-musicais numa cidade que se pretendia avançada.

Coleção Geraldo Sesso Jr. — CMU



Centro urbano de Campinas no início dos anos 20.

## PROGRAMA-SE



### PAPELARIA SUPRIPEL

PEREZZANI & BUENO COMÉRCIO DE PAPÉIS LTDA.

- Papéis para informática e fax
- Toner para xerox
- Fitas para máquinas elétricas e eletrônicas
- Artigos para escritório e escolares
- Xerox e encardenações

R. Silvio Rizzardo, 906 - Jd. Campos Elíseos  
Cep: 13062-600 F: 47-5830 - Fax: 49-0884



## Medicina mantém-se como o mais concorrido

A Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp divulgou a relação ao candidatos-vaga referente ao Vestibular 95. Mais uma vez a Medicina lidera o quadro, apresentando 120 candidatos por vaga: dos 40.738 inscritos, 10.815 brigam pelas 90 vagas oferecidas nesse curso. A relação candidatos-vaga apresenta ainda Ciência da Computação (noturno) com 56 candidatos por vaga, Odontologia (49 c/v), Ciências Biológicas (40 c/v) e Engenharia Mecânica e Engenharia da Computação (27 c/v).

O quadro apresentado pouco difere do ano anterior. Medicina mantém-se em primeiro; Ciência da Computação (noturno) cresceu de terceiro para segundo este ano. Odontologia caiu uma posição em relação ao ano anterior quando ficou em segundo lugar. O curso de Ciências Biológicas manteve-se em quarto lugar e Engenharia Mecânica (agora ao lado de Engenharia da Computação) permaneceu em quinto lugar.

**Maior demanda** — O levantamento mostra ainda outros dados. Aproximadamente 6% dos concorrentes têm com colégio incompleto, ou seja, concluirão o 2º grau a partir do próximo ano. Esses candidatos, mesmo classificados, não têm direito à matrícula.

Após nove anos de realização do vestibular sem vínculo com a Fuvest, a Unicamp acumula hoje um aumento de mais de 200% pelas suas vagas. "Não há paralelo entre as universidades brasileiras", afirma Jocimar Archangelo, coordenador geral dos vestibulares da Unicamp. Do universo de 40.738 candidatos, 16% concorrem a cursos oferecidos à noite — as vagas para os cursos noturnos (525) representam 26,4 do total das vagas oferecidas pela Universidade.

A evolução da demanda por cidade mostra que aproximadamente 33% (13.713) dos candidatos são oriundos da Grande São Paulo. Campinas, com 10.180 inscritos, responde por cerca de 25% e Ribeirão Preto, com 2.718 candidatos, representa 6,7%. Fora do Estado de São Paulo, os maiores contingentes são oriundos de Brasília, com 1.191 candidatos, e em seguida aparece o Rio de Janeiro, com 1.149.



Jocimar

oriundos da Grande São Paulo. Campinas, com 10.180 inscritos, responde por cerca de 25% e Ribeirão Preto, com 2.718 candidatos, representa 6,7%. Fora do Estado de São Paulo, os maiores contingentes são oriundos de Brasília, com 1.191 candidatos, e em seguida aparece o Rio de Janeiro, com 1.149.

## VIDA UNIVERSITÁRIA

# Unicamp na Imprensa

Resumo de algumas das notícias sobre a Unicamp veiculadas recentemente pela imprensa nacional e regional

### ISTOÉ

Em sua edição de 26 de outubro, a revista mostra o resultado da vacina antiaborto testada na Unicamp. De um grupo de 25 mulheres que iniciaram o programa, dez já estão com os filhos no colo. O trabalho é coordenado pelo obstetra Ricardo Barini e consiste na retirada de linfócitos do pai — a ausência deles, em alguns casos, faz com que o organismo expulse o feto, como se fosse um corpo estranho — e sua aplicação na mulher.

### O ESTADO DE S. PAULO

A edição de 26 de outubro focaliza pesquisa do professor Ivan Sazima, do Instituto de Biologia, sobre o comportamento de algumas espécies de cobras. Sazima chegou à conclusão de que filhotes da cobra cipó se utilizam da cauda para atrair suas presas. A cauda amarelada imita com perfeição uma larva de inseto. Dessa forma, atrai a presença de lagartixas e pererecas, seus alimentos preferidos.

### O GLOBO

Boa parte dos óleos e azeites vendidos no Brasil está fora dos padrões de qualidade exigidos, informa o matutino carioca em sua edição de 1º de outubro, com base em pesquisa do químico Antônio Marcos Pupin, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp. Pupin comprovou que óleos e azeites brasileiros têm concentração de benzo(a)pireno — componente cancerígeno — dez vezes maior que as permitidas pelas normas internacionais. O pesquisador da FEA analisou 120 amostras de óleos nacionais.

### JORNAL DO BRASIL

De acordo com estudo do zoólogo Ivan Sazima e da botânica Marlies Sazima, ambos do Instituto de Biologia, certos tipos de morcegos cumprem um papel ecológico vital. Ao se alimentarem do pólen das plantas, acabam sendo co-responsáveis pelo processo de reprodução de algumas árvores. O trabalho de pesquisa revelou que uma em cada dez espécies nativas da Mata Atlântica se reproduz pela ação dos morcegos.

### FOLHA DE S. PAULO

A violência do Rio de Janeiro pode chegar a Campinas, afirma a pesquisadora Alba Zalar. A entrevista foi pautada pela ação do crime organizado no Rio. Alba, que trabalha com violência urbana, diz ainda que esse tipo de crime consegue recrutar jovens e aumentar a violência.

### CORREIO POPULAR

Em sua edição de 5 de outubro, o jornal focaliza a Unicamp e a Puccamp na avaliação do Guia do Estudante 94 da Abril. A Unicamp é responsável por 18 cursos de graduação considerados cinco estrelas.

### Diário do Povo

O médico Carlos Alberto Petta, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, apurou o grande número de laqueaduras realizadas em Campinas: de 91 mil mulheres que usam métodos contraceptivos, 41 mil optaram pela cirurgia. A pesquisa foi publicada na edição de 9 de outubro e foi tema de editorial no dia seguinte.

## Números

Em outubro foram publicadas

# 229

notícias sobre a Unicamp, com a seguinte distribuição temática:

Pesquisa .....	69
Ensino .....	66
Saúde .....	27
Institucional .....	15
Outros .....	52

(órgãos pesquisados: IstoÉ, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Correio Popular e Diário do Povo).

## Rede de geologia econômica une Unicamp e Chile

A Unicamp e a Universidade do Chile acabam de implantar uma rede científica na área de geologia econômica para a América do Sul. O objetivo principal do sistema é "aumentar as pesquisas universitárias e de empresas, no sentido de promover a qualidade das pesquisas em geologia econômica", afirma Bernardino Figueiredo, professor do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp e um dos responsáveis pelo projeto. A rede já conta com 50 adesões de pesquisadores sul-americanos (Brasil, Chile, Argentina, Bolívia e Equador) e da Inglaterra, Canadá e França.

Waldo Vivallo, professor de geologia econômica da Universidade do Chile e presidente da Sociedade Geológica daquele país, responde ao lado de Bernardino pela direção da rede, cuja sede funciona em Campinas. Para manter seus associados informados, a rede contará com um boletim que no futuro será distribuído por via eletrônica. Em novembro do ano que vem será realizado no Brasil o 1º Encontro do Ouro na América do Sul.

O evento cresce em importância quando se sabe que o Brasil já chegou a ser o terceiro produtor mundial desse mineral (100 toneladas/ano, em 1980, no auge da Serra Pelada). Essa posição é hoje ocupada pela Austrália (240 toneladas/ano, em 1992), graças a investimentos em pesquisas de novas técnicas de prospecção do ouro. No Brasil, ao contrário, a exploração de novas jazidas praticamente estacionou pela falta de uma política definida. Depois do ferro, o ouro é o segundo mineral em volume no país.

A realidade do Chile acompanha situação parecida com a da Austrália. Waldo Vivallo conta que até 1973 o governo era o responsável único pela exploração de jazidas naquele país latino. Com algumas modificações na legislação, já na época pós-Pinochet, cerca de 70 empresas estrangeiras entraram no negócio de exploração do cobre, o produto chileno mais importante. O país isenta o capital estrangeiro de impostos até que a exploração seja rentável. Em compensação, além de constantes investimentos em pesquisas, ficam com o risco da exploração.

No Brasil, de acordo com a Constituição de 1988, o Estado tem a hegemonia da exploração do subsolo. Mas a Sociedade Brasileira de Geologia está propondo a eliminação de restrições ao capital estrangeiro, uma forma de retomar pesquisas e a exploração de novas jazidas. "Não precisamos abrir tanto quanto o Chile, onde o Estado não tem o controle das divisas, mas a iniciativa é válida", avalia Bernardino.

A rede de geologia econômica pretende atuar justamente nessa parte, promovendo encontros científicos e a troca de experiências com outros países. Vivaldo esteve na Unicamp para um curso com professores e pós-graduandos do IG e para manter contatos sobre a sistematização da rede geológica. (R.C.)



Waldo Vivallo

## A FOP diante de seus novos desafios

### José Ranali

Ao assumir recentemente a Direção da FOP, julgo oportuno tecer algumas considerações sobre seu futuro. Cabe esclarecer, inicialmente, que a FOP praticamente está iniciando um segundo ciclo de vida. Com quase 40 anos de existência, está completando um processo delicado e importante de renovação do seu corpo docente. Cerca de 80% do seu quadro docente foi substituído nestes últimos seis ou sete anos.

Tal situação gerou a troca abrupta de um grupo de docentes qualificados e maduros por outro em busca de qualificação técnica-científica. Se, por um lado, essa troca colocou pessoas mais jovens e conseqüentemente mais ávidas de trabalho, por outro lado perdeu-se em experiência. Esse ponto, certamente, foi o aspecto mais preocupante nesse processo de transição, pois poderia haver um grande descompasso nas atividades de ensino e pesquisa. Fe-

lizmente, isso não ocorreu de maneira a cristalizar uma queda acentuada na qualidade de ensino e de pesquisa.

Apesar do número expressivo de novos docentes que ainda estão em processo de qualificação, estaremos iniciando uma ampla discussão sobre os rumos que deveremos dar à FOP para os próximos anos, concentrando-nos na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Seu curso de Graduação apresenta, há quase 20 anos, uma proposta de ensino-aprendizagem que ainda hoje pode ser considerada inovadora em vários pontos. Embora o curso tenha um baixo índice de evasão (4% a 5%) e seja um dos mais procurados no Vestibular (49 candidatos/vaga), é indispensável uma rediscussão dos objetivos na época propostos a fim de aprimorá-lo e adequá-lo às exigências de uma nova visão da profissão odontológica.

De maneira semelhante, devemos estar atentos à Pós-

Graduação. Sem dúvida aqui sentimos mais a substituição dos docentes pois algumas áreas ficaram desprovidas de orientadores, causando alguns desequilíbrios na rotina desses cursos. Com um total de 23 cursos entre mestrado e doutorado, alguns já estáveis e outros em início ou em fase de implantação, deveremos estar atentos, em especial aos últimos, para viabilizá-los estruturalmente, privilegiando a qualidade e a competência como condições fundamentais na formação dos pós-graduandos. Com isso, também teremos condições de influir positivamente na pesquisa, devido a sua interrelação com a Pós-Graduação.

Entretanto, para que tudo possa caminhar da melhor maneira possível e de forma homogênea no futuro, é necessário repensarmos nossa Área de Atendimento Clínico. Atendendo a cerca de 20.000 pacientes/ano, sua estrutura física em pouco tempo poderá entrar em colapso. Adicionalmente, a criação de Centros e Núcleos para

atendimento de pacientes especiais, portadores de doenças infecto-contagiosas etc., faz com que o problema se agrave.

É importante, nesse aspecto, que criemos uma nova estrutura física a fim de adequar esses serviços a um melhor padrão de atendimento mas, principalmente, expandir os atendimentos especializados de forma a que a FOP passe a ser serviço de referência para a região e o Estado. Nunca é demais lembrar que um bom padrão de atendimento, especialmente à população mais carente, é obrigação fundamental do setor público. A Universidade não pode ficar alheia, pois tem uma atuação im-



José Ranali é diretor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba.

portantíssima dentro da estrutura de saúde depauperada com que o país se defronta.

Finalmente, julgo importante salientar a posição da FOP em relação à nossa Universidade. Apesar de distante geograficamente, sempre esteve atenta aos seus movimentos políticos institucionais, procurando posicionar-se de maneira refletida aos interesses maiores da Unicamp e em sua defesa. Orgulha-se de ser Unicamp. Entretanto, repele qualquer ação de origem política partidária por acreditar que se a Universidade confundir-se com facções ideológicas, sejam elas de qualquer natureza, não progredirá; pelo contrário, regredirá. Sua posição dentro da Unicamp será sempre a de colaborar na busca de melhores soluções institucionais. Será sempre imiscível ao ideologismo capenga e inconformista que somente radicaliza e agride, sem ser capaz de oferecer alternativas inteligentes para a solução dos nossos problemas comuns.



## Em dia

**Convênio** — A Unicamp e a IBM assinaram, recentemente, um novo convênio de cooperação, desta vez para a montagem de um laboratório multidisciplinar. A IBM fez a doação de equipamentos, no valor de US\$ 4 milhões. O reitor da Unicamp, José Martins Filho e Gilberto Moacir de Oliveira Teixeira, diretor do Centro Industrial da IBM, formalizaram o acordo, em solenidade ocorrida no salão do Conselho Universitário. Os novos equipamentos serão instalados em uma área de 900 m<sup>2</sup> da antiga Codequartz. De acordo com o pró-reitor de Extensão, Archimedes Perez Filho, que coordenou o grupo de trabalho para o planejamento do laboratório multidisciplinar, o novo órgão estará capacitado a atender as áreas técnicas e exatas, além do Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca). Os cerca de 250 equipamentos cedidos pela IBM atenderão a necessidades das áreas de química, materiais, metrologia, análise de contaminação, metalografia e microscopia eletrônica.

## Pós-inscrições

**IG** — O Instituto de Geociências (IG) recebe, a qualquer época do ano, inscrições dos interessados ao curso de doutorado em Metalogênese. Há 10 vagas para doutorado. Informações pelo telefone 39-7352.

## Livros

**Lamé**, de Néstor Perlongher — O trajeto de Perlongher marca vários momentos e passagens de nossa cultura recente e imediata: a revolução dos costumes dos anos 60 e 70, o congelamento da restauração militar e uma nova situação ameaçada pela correção financeira, pela delinquência juvenil e pela Aids. Humorístico e transgressor, o livro do ex-professor da Unicamp, já falecido, vem aproximar o leitor da polêmica que estimulou reflexões acerca dos mais variados temas nos diferentes países onde foi publicado. Editora da Unicamp.

**Motricidade humana: o paradigma emergente**, de João Batista Tojal — O autor, professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, busca uma apresentação didático-crítica do núcleo do pensamento de Manuel Sérgio Vieira Cunha, filósofo de grande importância para a área. O livro é resultado da pesquisa que visa organizar a tese de doutoramento defendida por Tojal na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, em Portugal. Editora da Unicamp.

## Teses

Foram defendidas durante o mês de outubro e início de novembro as seguintes teses:

### Artes

"O mundo todo nos detalhes do cotidiano. Aspectos teóricos da gênese e da significação na fotografia documental" (mestrado). Candidato: Alexandre Curtiss Alvarenga. Orientador: professor Etienne Ghislain Samain. Dia: 26 de outubro.

### Biologia

"Caracterização taxonômica dos representantes da família *Apocynaceae* na região de Bauru-SP" (mestrado). Candidata: Ingrid Koch. Orientadora: professora Luiza Sumiko Kinoshita. Dia: 14 de outubro.

"Morfologia de frutos, sementes e plântulas de algumas espécies de *Malpighiaceae*" (mestrado). Candidata: Alba Regina Barbosa Araújo. Orientadora: professora Doris Groth. Dia: 17 de outubro.

"Estudo da fração antigênica de *Trypanosoma cruzi* (Fad) na regulação da doença de Chagas experimental" (mestrado). Candidata: Célia Aparecida Almeida Chaves Garcia. Orientadora: professora Leonilda Maria Barbosa dos Santos. Dia: 18 de outubro.

"Patologia e Epizootiologia de *Simulium pertinax* (Diptera; Simuliidae) infectado por *Polydispyrenia simulii* (Microspora; Dubosquidae) e *Gastromermis viridis* cf. (Nematoda; Mermithidae)" (doutorado). Candidato: Armando Castello Branco Jr. Orientador: professor Mohamed E. M. Habib. Dia: 21 de outubro.

"Biologia e ecologia de *Eunica bechina* (Lepidoptera: Nymphalidae), e sua interação com formigas em *Caryocar brasiliense* (Caryocaraceae)" (mestrado). Candidato: André Victor Lucci Freitas. Orientador: professor Paulo Sérgio Oliveira. Dia: 25 de outubro.

"Caracterização biológica e morfológica da linhagem de *Schistosoma mansoni* da região de Campinas-SP" (mestrado). Candidata: Cláudia Moura de Melo. Orientador: professor Luiz Cândido de Souza Dias. Dia: 27 de outubro.

"*Zornia* Gmel (Leguminosae-papilionoidae-aeschynomeneae) no Estado de São Paulo" (mestrado). Candidato: Alan Sciamarelli. Orientadora: professora Ana M. G. Azevedo Tozzi. Dia: 31 de outubro.

### Economia

"Setor público paulista — uma avaliação de sua capacidade de investimento nos anos 80" (mestrado). Candidato: Luis Augusto Biazi. Orientador: professor José Carlos de Souza Braga. Dia: 21 de outubro.

# VIDA UNIVERSITÁRIA

## Educação

"Caminhos e cotidianos de uma professora de leitura escrita" (mestrado). Candidata: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. Orientadora: professora Sarita M. Afonso Moysés. Dia: 4 de outubro.

"Uma memória: história de leitura de professores de 3ª a 5ª séries da cidade de Teresina" (doutorado). Candidata: Maria José de Moura. Orientador: professor Ezequiel Theodoro da Silva. Dia: 7 de outubro.

"Licenciatura em enfermagem — Para quê?" (doutorado). Candidata: Maria Helena Salgado Bagnato. Orientadora: professora Gilberta Sampaio de Martino Januzzi. Dia: 11 de outubro.

"Mitificação da leitura. A construção do herói" (doutorado). Candidata: Raquel Lazzari Leite Barbosa. Orientadora: professora Sarita Maria Afonso Moysés. Dia: 17 de outubro.

"O diagnóstico do raciocínio de crianças deficientes mentais" (doutorado). Candidata: Maria Cristina Bergonzoni Stefanini. Orientadora: professora Amélia Americana de Castro. Dia: 21 de outubro.

"Sobre os fundamentos epistemológicos da Psicologia" (mestrado). Candidato: Marcio Aparecido Mariguela. Orientador: João F. Regis de Moraes. Dia: 8 de novembro.

## Engenharia Agrícola

"Utilização de solo-cimento em estacas apiloadas para obras de pequeno porte" (mestrado). Candidato: Antonio Anderson da Silva Segantini. Orientador: professor David de Carvalho. Dia: 21 de outubro.

## Engenharia de Alimentos

"Utilização de carne mecanicamente separada (CMS) de frango na obtenção de produto tipo surimi" (mestrado). Candidato: Esamir Ribeiro Akl. Orientador: professor Nelson José Beraquet. Dia: 10 de outubro.

"Avaliação do uso de quimosina produzida por *Aspergillus niger* var. *awamori* na fabricação de queijo

Zn-Fe" (mestrado). Candidato: Sidney Oswaldo Pagotto Júnior. Orientadora: professora Célia Marina de Alvarenga Freire. Dia: 4 de outubro.

"Avaliação de revestimentos orgânicos através da técnica de impedância eletroquímica" (mestrado). Candidata: Sylvia Regina Domingues. Orientadora: professora Célia Marina de Alvarenga Freire. Dia: 7 de outubro.

"Análise numérica experimental da solidificação do aço rápido M2 no processo de fundição de precisão" (mestrado). Candidato: Ernandes Marcos da Silveira. Orientador: professor Rezende Gomes dos Santos. Dia: 7 de outubro.

"Considerações ambientais em termoeconomia: um estudo de caso" (mestrado). Candidato: Marcelo Risso Errera. Orientador: professor Luiz Fernando Milanez. Dia: 14 de outubro.

"Implementação de um sistema de custos baseado em atividades em um ambiente industrial" (mestrado). Candidato: Gino Berninzo Di Domenico. Orientador: professor Paulo Corrêa Lima. Dia: 14 de outubro.

"Modelagem hidrodinâmica de um mecanismo pulso duplicador" (mestrado). Candidato: Ricardo Augusto Mazza. Orientador: professor Eugênio Spanó Rosa. Dia: 14 de outubro.

"Microestrutura e resistência mecânica de juntas de nitreto de silício/Ag-Cu-Ti obtidas por brasagem" (mestrado). Candidato: Amador Lombello Neto. Orientador: professor Itamar Ferreira. Dia: 27 de outubro.

"Estudo do comportamento dinâmico de estruturas segmentadas visando a modelagem de estatores de máquinas elétricas" (doutorado). Candidato: Milton Dias Júnior. Orientador: professor Hans Ingo Weber. Dia: 27 de outubro.

"Desenvolvimento de técnicas e procedimentos para a produção de amostras padrões de hidrogênio acondicionadas em pastilhas de titânio" (mestrado). Candidato: Edgar Antonio de Godoi Rodrigues Pinto. Orientador: professor Paulo Roberto Mei. Dia: 27 de outubro.

"Purificação e caracterização de materiais para aplicações de alta densidade tecnológica" (doutora-



O professor Henrique Brenelli defende sua tese sobre reconstrução mamária no auditório do Caism em 11 de novembro último.

do). Candidata: Maria Joana da Silva. Orientador: professor Amauri Garcia. Dia: 1º de novembro.

"Viabilidade e perspectivas da cogeração e da geração termoeletrica junto ao setor sucro-alcooleiro" (doutorado). Candidato: Arnaldo Cesar da Silva Walter. Orientador: professor Sérgio Valdir Bajay. Dia: 8 de novembro.

"Escoamento em sistemas anulares: mapas de velocidades" (doutorado). Candidato: Edson José Vasques. Orientador: professor Carlos Alberto Gasparetto. Dia: 10 de novembro.

## Engenharia Elétrica

"Modelagem e simulação, dinâmica de colunas de destilação a partir de modelos de ordem reduzida" (mestrado). Candidato: Rodinei Sampaio Pereira. Orientador: professor Sérgio Persio Ravagnani. Dia: 7 de novembro.

"Referências para projetistas e usuários de interfaces de computadores destinadas aos deficientes visuais" (mestrado). Candidato: José Oscar Fontanini de Carvalho. Orientadora: professora Beatriz Mascia Daltrini. Dia: 5 de outubro.

"Planejamento da rede externa rumo à rede óptica de assinantes" (mestrado). Candidato: José Luiz de Souza Freitas. Orientador: professor Raul Vinhas Ribeiro. Dia: 6 de outubro.

"Conjunto de operadores básicos para visualização, manipulação e análise de dados 3D" (mestrado). Candidato: Renato Marcos Silva Luppi. Orientador: professor Roberto de Alencar Lotufo. Dia: 14 de outubro.

"Emprego do Método DFDF na caracterização de guias de onda dielétricos assimétricos" (mestrado). Candidato: Helder Fleury Pinheiro. Orientador: professor Atílio José Giarola. Dia: 17 de outubro.

"Controle robusto de sistemas incertos contínuos com alocação de pólos" (mestrado). Candidato: Glaucio Guaitoli. Orientador: professor Pedro Luis Dias Peres. Dia: 25 de outubro.

"Codificação e decodificação de arquivos de fac-símile - G3/CCITT" (mestrado). Candidato: Elhadi Ahmed Khalifa. Orientador: professor João Baptista T. Yabu-uti. Dia: 7 de novembro.

## Engenharia Mecânica

"Estudo do processo de eletrodeposição da liga

"Métodos de avaliação econômica de projetos de exploração mineral" (mestrado). Candidato: Pentain Ávila de Souza. Orientador: professor Saul Barisnik Suslick. Dia: 19 de outubro.

## Humanas

"O estatuto das entidades metapsicológicas à luz da teoria ratiana das idéias" (mestrado). Candidata: Vera Lúcia Blum Tomaz. Orientador: professor Zeljko Loparic. Dia: 10 de outubro.

"A trajetória de uma identidade" (mestrado). Candidata: Regina Célia Oliveira Narcizo. Orientador: professor Renato Pinto Orciz. Dia: 20 de outubro.

"Trabalho e subjetividade sob o mister de fazer dinheiro: o trabalho bancário" (mestrado). Candidata: Nise Maria Tavares Jinkings. Orientador: professor Ricardo Luiz Coltro Antunes. Dia: 26 de outubro.

## Linguagem

"Caracterização de interação em contexto de ensino regular e em contexto de ensino interdisciplinar de Português — língua estrangeira: um estudo comparativo" (mestrado). Candidata: Ana Cecília Cossi Bizon. Orientador: professor José Carlos Paes de Almeida Filho. Dia: 7 de outubro.

"A linguagem da comunidade tirolesa-trentina da cidade de Piracicaba-SP" (mestrado). Candidata: Maria Luísa de Almeida Leme. Orientador: professor Luiz Carlos Cagliari. Dia: 11 de outubro.

"Os monólogos da criança: delírios da língua" (doutorado). Candidata: Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-De Vitto. Orientadora: professora Cláudia Thereza Guimarães de Lemos. Dia: 14 de outubro.

"Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no Português do Brasil" (mestrado). Candidata: Elizabeth Maria Gliottini de Sousa. Orientadora: professora Eleonora Cavalcante Albano. Dia: 24 de outubro.

"Inteligibilidade na fala ou na linguagem? Um peso além das medidas nas análises em fissurados" (mestrado). Candidata: Rosana Gomes Buchala. Orientadora: professora Ester Mirian Scarpa. Dia: 21 de outubro.

"O último livro de Gregório de Matos" (mestrado). Candidato: Ricardo Silva Leite. Orientadora: professora Yara Frateschi Vieira. Dia: 3 de novembro.

"A estrutura das sentenças com pronome interrogativo no português brasileiro atual" (mestrado). Candidata: Nilmaria Soares Sikansi. Orientadora: professora Mary Aizawa Kato. Dia: 4 de novembro.

"Avaliando a linguagem enquanto atividade" (mestrado). Candidata: Simone Rocha de Vasconcelos Hage. Orientadora: professora Maria Cecília Perroni. Dia: 4 de novembro.

"O poeta no labirinto: a construção do personagem em o ano da morte de Ricardo Reis" (mestrado). Candidata: Aparecida de Fátima Bueno. Orientadora: professora Vilma Sant'Anna Arêas. Dia: 10 de novembro.

## Matemática

"Sobre corpos n-hilbertianos e anéis de witt de álgebras de guatérnios com divisão" (doutorado). Candidato: Clotilzio Moreira dos Santos. Orientador: professor Antonio Paques. Dia: 18 de outubro.

## Medicina

"Estudo comparativo da resposta inflamatória em ratos induzida por serpentes do gênero *Bothrops* em estágios distintos de desenvolvimento" (mestrado). Candidata: Susana Elisa Morenno. Orientador: professor Carlos Alberto Flores. Dia: 21 de outubro.

"Doença tireoidiana auto-imune: expressão de colágeno IV e laminina e relação com anticorpos circulantes antimembrana basal" (doutorado). Candidata: Denise Engelbrecht Zantut Wittmann. Orientador: professor Ricardo de Lima Zollner. Dia: 25 de outubro.

"Estudo do efeito antiinflamatório do veneno de abelha *Apis Mellifera* africanizada em modelos de inflamação aguda e crônica" (doutorado). Candidata: Suzel Aparecida Malachias Frem. Orientador: professor Carlos Alberto Flores. Dia: 26 de outubro.

"Modulação espécie — específica do interferon-gama sobre as atividades migratória e geradora de espécies ativas de nitrogênio e oxigênio em neutrófilos e células mononucleares. (mestrado). Candidata: Mônica Cristina Toffoli. Orientador: professor Carlos Alberto Flores. Dia: 30 de outubro.

"A influência da reconstrução mamária com retalho miocutâneo abdominal no prognóstico e na qualidade de vida" (doutorado). Candidato: Henrique Benedito Brenelli. Orientador: professor José Aristodemo Pinotti. Dia: 11 de novembro.

## Química

"Verificação experimental e modelagem teórica de um novo tipo de estruturas dissipativas" (mestrado). Candidato: Cesar Alexandre de Mello. Orientador: professor Fernando Gallemebeck. Dia: 7 de outubro.

"Complexos derivados de 1,1-(Bis)fenilfosfônio Ferroceno: Síntese, caracterização de propriedades catalítica" (doutorado). Candidata: Annelise Engel Gerbase. Orientador: professor Eduardo Joaquim de Souza Vichi. Dia: 14 de outubro.

"Flavonóides de *Lonchocarpus subglaucescens* (Benth)-leguminosae e síntese de hidroxichalconas" (doutorado). Candidata: Beatriz Helena Lameiro de Noronha Sales. Orientadora: professora Rosa Gonçalves Magalhães. Dia: 9 de novembro.

"Crisotila brasileira como suporte de catalisadores. Aplicação na oxidação de alcóis com radiação de microondas" (doutorado). Candidato: Roberto Alcântara Martins Zuchetti. Orientadora: professora Inês Joekes. Dia: 9 de novembro.

"Crisotila como suporte para ácidos de lewis na catálise de reações de friedel-grafts" (mestrado). Candidata: Roseli Oliveira de Pinho. Orientador: professor José Augusto Rosário Rodrigues. Dia: 11 de novembro.

## Geociências

"Desenvolvimento de um modelo de previsão para o consumo de fosfato no Brasil" (mestrado). Candidato: Joel Antonio de Toledo. Orientador: professor Saul Barisnik Suslick. Dia: 17 de outubro.



# IFCH faz cabeças há 25 anos

**Unidade já preparou mais de mil cientistas sociais, filósofos e historiadores**

Em 1968 os norte-americanos perdiam, em meio aos confrontos no Vietnã, duas celebridades contrárias à manutenção da guerra: eram assassinados o líder negro Martin Luther King, Prêmio Nobel da Paz de 1964, e o senador Robert Kennedy, pré-candidato à Casa Branca. Na Europa, estudantes franceses protestavam contra a ultrapassada estrutura do ensino e juntamente com operários ocupavam a Universidade de Sorbonne, o Théâtre de l'Odeon e várias fábricas. Conhecida como a rebelião de maio, aquela mobilização influenciou movimentos estudantis em todo o mundo. Particularmente no Brasil, a violência política levava cem mil às ruas do Rio de Janeiro para protestar contra a repressão policial.

Fatos históricos e os principais temas da atualidade encontram-se presentes no cotidiano de uma das primeiras unidades acadêmicas da Unicamp, que recentemente completou 25 anos — o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). “A criação do IFCH em 1968 foi, portanto, uma coincidência histórica interessante”, recorda o sociólogo André Maria Pompeu Villalobos (contratado pela Unicamp naquele ano e diretor do instituto de 1980 a 1984). Para introduzir as ciências sociais e filosofia numa universidade até então quase só voltada para a área tecnológica, o reitor Zeferino Vaz convidou o filósofo Fausto Castilho para dirigir a unidade recém-criada.

**O embrião** — A idéia era superar os modelos existentes no pré-64. De um lado havia a Universidade de São Paulo



Fachada do IFCH, em cujos bancos se formaram 728 novos cientistas sociais, 268 historiadores e 16 filósofos.

(USP), com uma sociologia muito crítica e mais para o acadêmico; de outro, o Instituto Superior de Ensino e Estudos Brasileiros, do Rio de Janeiro, com uma sociologia preocupada em construir um projeto nacional de desenvolvimento, muito mais ideológica do que científica. Somado a isso havia o curso básico de planejamento econômico oferecido em São Paulo pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal) e que se tornou o embrião para a criação do IFCH.

A proposta inicial de Castilho era internalizar o curso da Cepal na Unicamp, envolvendo tanto seus professores quanto seus alunos. O curso era fre-

qüentado pelo próprio Castilho e pelos economistas Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga Belluzzo e Osmar Marchesi. Mais tarde eles foram contratados como docentes da Unicamp, assim como os economistas e professores do curso da Cepal, Wilson Cano, Carlos Lessa e Antonio Barros de Castro.

**Primeiros nomes** — Num plano mais amplo de sua idéia original, o IFCH abrangia os departamentos de Economia, Ciências Sociais, Filosofia e Linguística — na época, esse último ganhava notoriedade por sua metodologia próxima da ciência pura. No final de 68 eram contratados os primeiros docentes: Villalobos (Sociolo-



O ex-diretor Villalobos.

gia), Luiz Orlandi (Filosofia) e Antonio Augusto Arantes Neto (Antropologia).

Esse grupo foi enviado por Zeferino para a pós-graduação

na França em suas respectivas áreas. No ano seguinte chegavam ao campus os precursores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) — Carlos Vogt, que mais tarde seria reitor da Unicamp; Rodolfo Ilari, depois diretor do IEL; Carlos Franchi e Haquira Osakabe. A concepção inicial era que o instituto não fosse muito grande, que tivesse uma pós-graduação e uma área de pesquisa fortes, e que fosse pluridisciplinar.

**Represamento** — Transcorridas duas décadas e meia, o IFCH tem em suas páginas de história fatos como o represamento que sofreu no período da ditadura e a intervenção de 1981. Sobre o primeiro momento Villalobos lembra que Zeferino Vaz, envolvido no movimento de 64, tinha boas relações com o *establishment* da época e idéias claras para abrigar no campus a oposição ao regime. Anos mais tarde, já no início da década de 80, o então governador Paulo Salim Maluf interveio na Unicamp e destituiu oito diretores — inclusive o próprio Villalobos — dando início à maior crise institucional da Universidade, felizmente superada em 1982.

Passados aqueles momentos, uma análise sobre o instituto mostra que ele gerou uma lingüística de Primeiro Mundo, uma escola de economia relevante e que apresenta contribuições originalíssimas nas áreas de políticas públicas e de meio ambiente. Entre os modelos existentes na época de sua criação, as ciências sociais na Unicamp seguiram a tendência acadêmico-científica voltada para os problemas do país. “Ficamos num meio caminho, num tom muito mais parecido com o tradicional”, conclui o sociólogo. (C.P.)

## Diretor aposta na qualidade acadêmica

Remover os pontos de estrangulamento na produção acadêmica tem sido uma preocupação da atual diretoria do IFCH. O cientista político e diretor do instituto, João Quartim de Moraes, enfatiza: “Estamos apostando tudo para que a dinâmica em nossa unidade esteja na frente, no que concerne à criatividade intelectual e à qualidade acadêmica”. Nesse sentido ele lembra que o IFCH tem condições de contribuir com o projeto acadêmico da Universidade no que se refere à efetivação de disciplinas das humanidades que fazem fronteira com as tecnológicas, como por exemplo as ciências da terra.

Para atender à demanda de eventos, através dos quais são difundidas as análises e idéias dos pesquisadores, no ano passado foi criada a Secretaria de Eventos. Sua função é organizar seminários nacionais e internacionais, encontros,

curiosos, congressos e conferências. Outro ponto é a publicação de livros. “A produção é individual, as editoras são comerciais e a Unicamp sozinha não consegue escoar a produção acadêmica. Aliás, nem todo trabalho deve ser publicado em livro”, pondera Quartim.

**Idéias** — Com 56 números editados, a publicação *Primeira Versão* apresenta temas acadêmicos numa linguagem clara aos alunos dos cursos de graduação. Abriga trabalhos de circulação restrita, seja porque são parte de uma pesquisa em andamento ou por estarem voltados a atividades didáticas. Ao longo desses 25 anos, várias têm sido as publicações periódicas do IFCH, como por exemplo as 27 edições da revista *Cadernos*. Entretanto, segundo Quartim, “faltava uma revista profissional, que não fosse fundo de gaveta ou deixasse de

despertar a curiosidade, e que tivesse periodicidade e um corpo editorial definido”.

Assim, no ano em que o instituto comemora seus 25 anos, surgiu a revista *Idéias*, com periodicidade semestral. Paralelamente está sendo lançada a coleção de livros *Trajectoria*, cujo primeiro título é *Estado e a Democracia*, de Décio Saes, sociólogo e professor do instituto. A produção acadêmica também está presente em outras publicações, como a série *Temáticas*, que apresenta trabalhos dos doutorandos das ciências sociais, e na revista de história da arte e arqueologia, projetada por um grupo de docentes do Departamento de História, a ser lançada em breve. Segundo Quartim, é objetivo do IFCH estimular as múltiplas iniciativas, sempre com qualidade. (C.P.)

## Pós-graduação produziu 526 teses e dissertações

São 67 mil livros numa biblioteca onde a circulação de material, por semestre, ultrapassa a casa dos cem mil. Boa parte certamente foi consultada para se chegar à apresentação das 474 dissertações de mestrado e 52 teses de doutorado, defendidas desde 1971 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Pela primeira vez reunidos num folheto, esses dados fazem parte do levantamento quantitativo da produção acadêmica e pedagógica do instituto, ao longo de seus 25 anos.

Produzida por ocasião das comemorações do jubileu, o objetivo da publicação é subsidiar avaliações sobre o trabalho do IFCH, realizadas tanto pela comunidade acadêmica quanto por instituições ligadas à ciência e à educação. O catálogo quantifica, por exemplo, o número de alunos da graduação que semestralmente se formaram, a partir de 1973. No total, são 728 cientistas sociais, 268 historiadores e 16 filósofos.

Relaciona ainda, por área, o nome do autor, título e ano em que foi apresentado cada trabalho da pós-

graduação. Um exemplo é do atual coordenador da pós-graduação, Décio Azevedo Marques de Saes, que fez seu mestrado em 1971 sob o tema “O civilismo das camadas médias urbanas na Primeira República”. Na relação dos pós-graduandos encontra-se a ex-diretora do instituto, Mariza Corrêa, cujo mestrado em antropologia social, sob o tema “Representações jurídicas de papéis sexuais”, data de 1975.

Constam ainda do catálogo os dados das publicações do IFCH e dos eventos realizados a partir da criação, em 1993, da Secretaria de Eventos. Também reúne informações do acervo e consulta da biblioteca, do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e do Centro de Processamento de Dados (CPD). Desde a apuração dos dados até a entrega do material, foram 15 dias de trabalho de fôlego, que envolveu técnicos da Secretaria de Pesquisa, o AEL, o CPD e os cinco departamentos — Antropologia, Ciência Política, Filosofia, História e Sociologia. (C.P.)